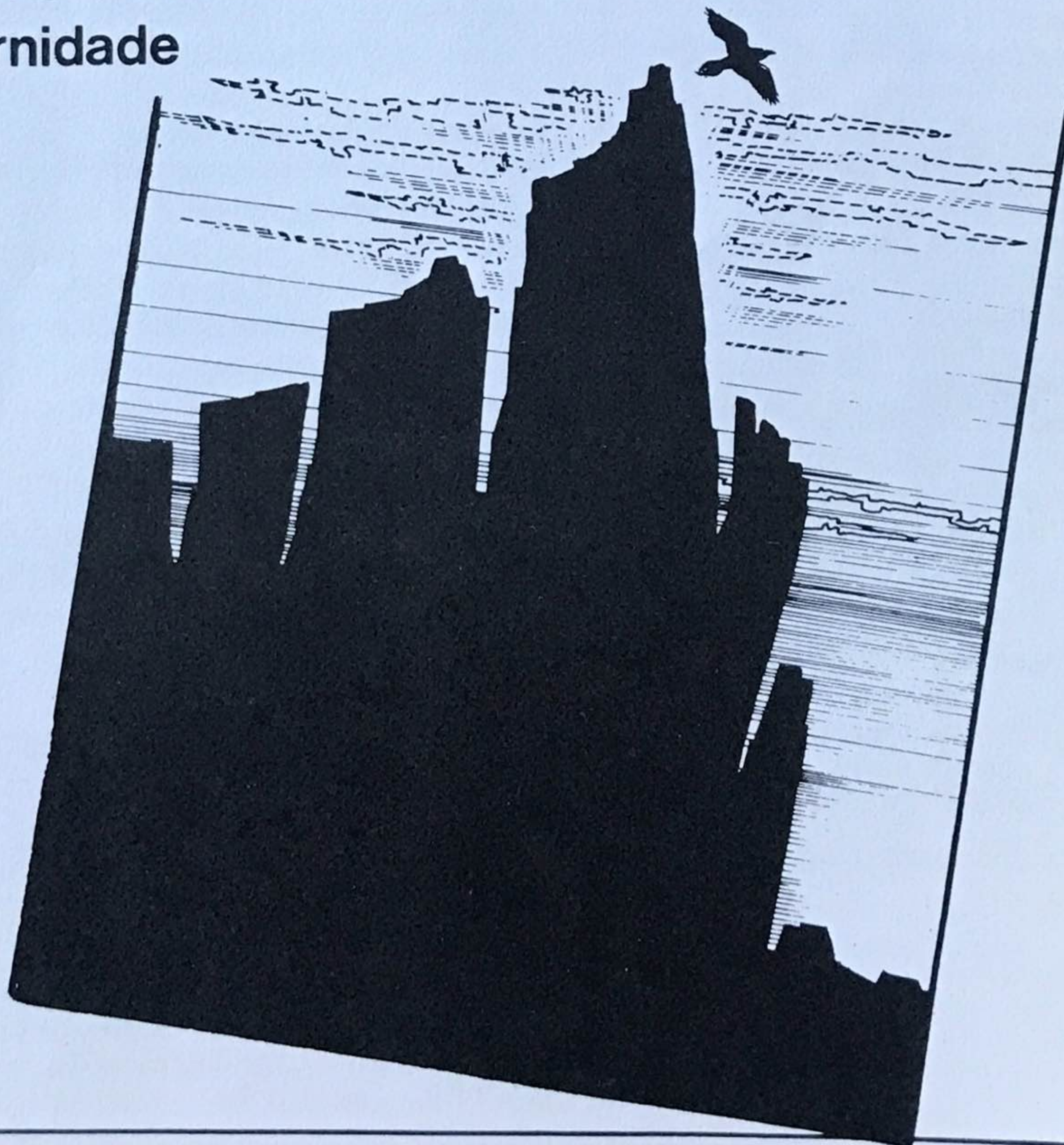


C. E. Rio de Janeiro

CENTRO EXCURSIONISTA RIO DE JANEIRO – ANO 45 – Nº 477 – JULHO DE 1983

um instante na montanha
é um pequeno ano
um dia na montanha
é a eternidade



CERJ

Boletim de Montanhismo
ano 45 n°477 - Julho 83

DIRETORIA:

Presidente:

Claudio Vieira de Castro

Vice-Presidente:

Elton Fernandes

Secretária:

María Caño Mendoza

Diretora Social:

Lucia Helena Ladeira

Primeiro Tesoureiro:

Jorge Maurício Nazareth

Segundo Tesoureiro:

Ronaldo Meira Paes

Diretor Técnico:

Oswaldo Pereira (Sta. Cruz)

Diretor de Divulgação:

Egeu Simas

Supervisores Técnicos:

Secretários:

Emil Mesquita e

Marcelo Fernandes

Almoxarifado:

Amélio Montinelli e

José Luiz

Fotográfico:

Willy Chen

BOLETIM DO CERJ

Editores: Egeu e Sta. Cruz

Montagem e Arte-Final:

Oliver Nunes

Revisão: Sta. Cruz e Lucia

Programação Visual: Egeu

Cartografia: Antonio Paulo

Neste número:

- 3 O Fio de Nossas Vidas**
Uma visão mais solidária do montanhismo
- 4 As Montanhas**
*Condensado da Biblioteca da Natureza Life
um intrigante panorama das montanhas*
- 8 Conquistas do Cerj: Chaminé Brasília**
Aventura no Espírito Santo em 1959
- 10 Relatório de Excursões 82**
*Um breve histórico de nossas atividades
no ano que passou*
- 11 Atividades**
Nossa programação até outubro 83
- 14 Paredão**
*Críticas, sugestões, informes,
reclamações. Os leitores se manifestam*
- 17 Um canyon chamado Itaimbezinho**
*Um aventura gaúcha contada por
Gladis e Amélio Montinelli*
- 18 Escola de Guias: Preservação do
Montanhismo**
Parte final da análise de Santa Cruz

Agradecemos a colaboração recebida para a realização desta edição às seguintes pessoas:

João Sharinger, Luena do Espírito Santo, Paula e Tonico Seara.

**CENTRO EXCURSIONISTA
RIO DE JANEIRO - CERJ**

Sede própria: Av. Rio Branco,
277 sala 805 - Ed. São Borja
Telefone 220-3548 - Centro
CEP 20047 Rio de Janeiro, RJ

O CERJ realiza seus encontros semanais para a organização de suas excursões todas as quintas-feiras, a partir das 20 horas.

O Fio de Nossas Vidas



Observando o montanhismo nos últimos anos, temos notado a tendência crescente do espírito de competição e auto-afirmação baseada em falsos critérios de eficiência e habilidades montanhísticas.

Para os adeptos dessa tendência, só interessa a mais difícil escalada (caminhadas? que horror!) e, é claro, da forma mais rápida, se possível sem olhar para os lados, muito menos para dentro de si mesmo, onde por certo, só encontrariam insegurança, característica fácil de identificar naqueles onde se nota o desprezo dispensado aos companheiros do montanhismo que não fazem parte da sua “panelinha”.

O que precisamos ter, cada vez mais, é a consciência de que o montanhismo não é uma outra modalidade de esporte competitivo. Qualquer vestígio de competição tem que ser abandonado, pois, primeiro grau ou sexto grau fazem parte da mesma coisa: amor à natureza.

Significa deixar de lado a pressa e a ansiedade. Uma escalada começa no encontro entre os participantes e só termina quando todos se separam. O encontro, a amizade, a preparação do equipamento, as caminhadas de aproximação, a escalada na pedra, no mato, a atenção na segurança, os lances difíceis, as etapas, a integração entre as cordadas, o cume, o cume com seu panorama e

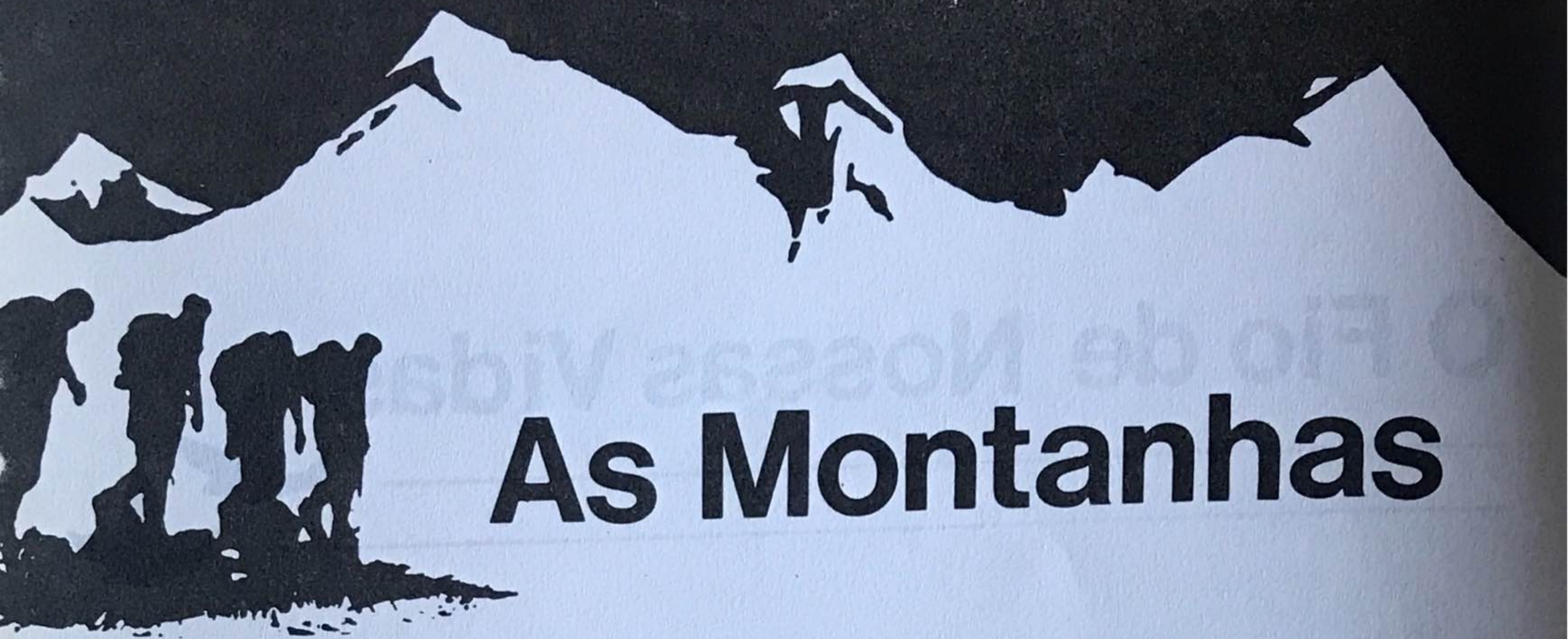
tranquilidade, a hora de olhar lá de cima tudo aquilo que faz parte de nós: a Terra. Muito mais ampla que as nossas amplas preocupações, mais ampla que as nossas alegrias, muito, muito mais ampla que a totalidade de nossos inúmeros amigos montanhistas.

A Terra que você adivinha imensa para lá de onde seus olhos não enxergam mais, para lá do horizonte finito/infinito, 360 graus de montes, nuvens, florestas, caminhos, vales, chuvas, homens, estradas, cidades, outros montes, outros homens, outras vidas que formam a enorme e fervilhante vida da nossa grande / pequena casa chamada Terra.

A descida, o cansaço, a caminhada de retorno, a separação do equipamento, brilhantes mosquetões tilintando, coloridas fitas se juntando, as cordas, fio de nossas vidas, se enrolando (o fascínio e respeito que temos pelo equipamento de montanhismo), a despedida, breve despedida até que amigos e montanha novamente se juntem.

E, enquanto isso, que o brilho interior que a montanha nos deu, sirva na nossa vida cotidiana para nos fazer respeitar o ser humano, pois somos todos, caminhantes e escaladores, os frágeis passageiros / passantes desse tempo que nos foi dado viver.

Egeu



As Montanhas

A Serra dos Órgãos prendendo as nuvens com seus recortes característicos como o Dedo de Deus, Agulha do Diabo e Escalavrado; o Maciço do Marumbi, no Paraná cortado pelas estradas de ferro; o perigoso Aconcágua no sul da América ou o gélido Everest no longínquo Himalaia: as montanhas no horizonte são sempre uma atração e um desafio. O homem é levado a elas por motivos diversos, de ordem econômica, científica, estética ou espírito de aventura. Nas montanhas estão os últimos recantos solitários da natureza. Elas apresentam todas as formas, proporções e climas: picos alpinos tipicamente brancos de neve; montanhas tropicais, verdejantes de fetos, gotejando água; abrutadas e áridas montanhas do deserto. As montanhas já eram velhas quando o homem apareceu e, no entanto, continuam desafiando-o e oferecendo-lhe oportunidades para o futuro. Das muitas coisas surpreendentes acerca das montanhas, talvez a mais extraordinária delas seja sua própria existência.

Por que existem montanhas?

As montanhas não estavam presentes quando a Terra era jovem, e possivelmente não estarão, quando o planeta houver envelhecido.

Quando o pulso do globo deixar de bater, quando o seu fogo interior estiver extinto e os oceanos congelados, é provável que os cumes "eternos" já tenham desaparecido. Se ainda perdurar algo semelhante às montanhas, não serão com certeza restos das montanhas que hoje conhecemos, mas simples protuberâncias. Serão seus descendentes — cinco, dez, talvez vinte gerações posteriores à das Montanhas Rochosas, dos Alpes e

do Himalaia, que formam hoje a chamada geração "jovem" de montanhas. E ninguém sabe onde irão allear-se seus descendentes, os obscuros rochedos do futuro.

Tudo quanto se pode afirmar é que as montanhas emergiram sob a ação de forças situadas profundamente no interior da Terra, numa sucessão contínua, desde o aparecimento do primeiro pico de granito, há uns três bilhões de anos. E, sem a menor dúvida, isso continuará a acontecer no futuro pelo menos durante igual período. A vida de uma montanha assemelha-se à dos patriarcas do gênero humano. Ela nasce, atravessa uma vi-

gorosa juventude, uma longa maturidade e, até mesmo, uma velhice ainda mais prolongada até que, finalmente, gasta-se e desaparece no seio da Terra. Esse processo é demorado, mas o universo dispõe de muito tempo: um milhão de anos na vida do nosso planeta é comparável a alguns dias na existência de um homem. E em proporção ao volume total do globo, do qual emerge, uma montanha terá, aproximadamente, o tamanho de uma espinha diminuta que reponta na nunca de uma pessoa, e ainda, em termos proporcionais, dura mais ou menos o mesmo tempo.

É relativamente novo esse conhecimento das montanhas. Até então o homem sempre pensou que elas não tinham idade, constituindo apenas uma parte do ato maior e maravilhoso da criação, para o qual cada sociedade e credo religioso possuía sua própria explicação. Há apenas 200 anos, Voltaire, o mais racional e cético dos seres humanos daquela época, considerou absurdo o ponto de vista sustentado por um cientista seu amigo, o conde de Buffon, segundo o qual até mesmo as menores elevações da França poderiam não ter estado sempre localizadas onde então se achavam. Buffon ficara fascinado com as conchas marinhas que havia descoberto, incrustada em rochas nos flancos das montanhas francesas. Como teriam ido parar ali? Depois de estudá-las, pouco a pouco se convenceu de que animais marinhos haviam outrora vivido nos lugares onde então essas montanhas se erguiam. sugeriu que sedimentos moles os teriam recoberto, tornando-os pretificados, em mares de águas pouco profundas. Posteriormente, essas rochas teriam sido soerguidas muito acima do nível dos mares. "Absurdo!" declarou Voltaire. Peregrinos vindos das praias é que teriam levado tais conchas para o alto das montanhas onde elas teriam se afundado na lama, após as chuvas. Os dois tiveram tantas discussões sobre o assunto, que a amizade entre eles nunca mais foi a mesma.

Todavia, as escavações, comparações e investigações foram prosseguindo em ritmo cada vez maior. As próprias montanhas forneciam um sem-número de pistas acerca de suas origens simplesmente pelo fato de projetar-se a tão grande altura, permitindo o estudo de tantas e tão interessantes camadas de rochas e fósseis característicos. A idéia de que cresciam e morriam como cogumelos já não era objeto de gozação. Por toda a parte se exibiam provas de que assim eram.

Já sabemos que sua construção se faz através de quatro maneiras principais. Estamos começando a perceber que a remoção de grandes blocos de rochas e areia em direção aos mares cria instabilidades na crosta terrestre, proporcionando o ímpeto para a ulterior formação de montanhas em outros lugares. Suspeitamos, ainda, que todas as montanhas sejam apoiadas por outras tantas que penetram profundamente na terra, de "cabeça para baixo". Em síntese, muito já se sabe *do que* ocorre. Mas *como e por que* isso acontece constituem ainda indagações muito complexas.



Enquanto isso, erguendo-se ou desmoronando-se, as montanhas excitam nossa imaginação. Todos os continentes as possuem e, provavelmente, sempre as possuíram, embora não nos mesmos lugares onde são hoje encontradas. O ritmo em que se alteiam ou desaparecem varia, certamente, em termos de tempo e espaço. Quase nada se sabe a esse respeito nos dias de hoje porque os instrumentos capazes de proporcionar medidas precisas são de invenção muito recente. Assim, as montanhas ainda não tiveram tempo, em sua maioria (com exceção dos vulcões) de sofrer alterações de altura em grau suficiente para o homem poder registrar as diferenças ocorridas. Os montes da Noruega e da Suécia parecem estar crescendo à razão de cerca de 60 centímetros por século. Isto decorre do fato de toda a Escandinávia, liberta do

peso esmagador dos glaciares que a recobriam durante o último período glacial, está se elevando. O Everest, medido "com precisão" por uma expedição britânica, em 1852, revelou 8.840 metros de altitude. Esse monte, como sabemos, é o ponto culminante da Terra. Mas o Everest revelou ter oito metros a mais quando novamente medido em 1954 por uma expedição de indianos. Terá ele crescido tanto em cem anos? É difícil de afirmar pois a medida da altura das montanhas, mesmo com o emprego dos melhores instrumentos não é tão simples. Ela tem que ser obtida através de critérios ópticos, com a utilização de um delicado trânsito de levantamento topográfico, só podendo ser precisas se a base em que se apoiar o instrumento estiver absolutamente nivelada. Isso se consegue com o auxílio de um nível de bolha de ar altamente preciso, mas mesmo assim não se pode confiar plenamente nesses meios porque a grande massa da própria montanha possui força gravitacional capaz de modificar a leitura de maneira diminuta porém significativa. Além disso, a Terra não é exatamente redonda, o que também deve ser levado em conta. Finalmente, a própria atmosfera prega suas peças através dos raios luminosos. As medidas tiradas pela manhã, num único ponto da cadeia do Himalaia, apresentaram uma variação de 150 metros em relação às tomadas à tarde do mesmo dia.

Qualquer que seja a sua exata altitude (convencionou-se 8.839 metros), o Everest ainda é a montanha mais alta do mundo, embora relatórios de aviadores durante a Segunda Guerra Mundial, tenham feito referências persistentes a um pico de mais de 9.000 metros avistado na China Ocidental. Essa montanha se chama Amne Machin, e atualmente se

sabe estar situada numa zona em que os picos chegam a ter 7.600 metros. O fato do Everest continuar sendo o ponto mais elevado do globo é outra questão. Com o transcorrer do tempo ele irá desgastar-se inevitavelmente, e sua altura será excedida por montanhas que ainda nem surgiram. Como irão aparecer é imprevisível. Hoje, não se sabe qual o limite de altura a que poderá soerguer-se uma massa de rochas, sendo perfeitamente possível a emergência de um pico de 10 mil ou 12 metros. Na verdade, montanhas dessa grandiosidade poderão já ter existido mais de uma vez no passado.

As montanhas têm exercido profundos efeitos sobre a Terra e a história dos seres vivos. Para começar, elas proporcionam a matéria-prima necessária à formação do solo. A primitiva superfície do planeta, quando endureceu gerando os continentes, era provavelmente constituída de rochas graníticas leves. O melhor meio en-

contrado para a desintegração desse material foi o seu sublevamento a uma altura suficiente para que fragmentos pudessem formar-se ante a ação da água e do vento. E a fim de que a água pudesse descer e agir como força erosiva foi necessário haver algo semelhante aos flancos das montanhas, permitindo que essa água por eles rolasse, e, também leitos de rios ou canyons nos quais ela carregasse pedras menores e as triturasse para formar a areia e o pó.

Sem as montanhas o homem não existiria

Ao mesmo tempo, outras forças atuam poderosamente. Ao lado da erosão química, a erosão provocada pelo gelo e, até mesmo da ação direta, porém diminuta, das próprias gotas de chuva.

As minúsculas partículas assim produzidas constituíram as substâncias de textura fina e frouxa nas quais as plantas primitivas,

emergindo dos mares, puderam insinuar seus filamentos. Essas substâncias proporcionaram superfícies e fissuras dentro das quais dezenas de milhares de bactérias e pequenos organismos conseguiram penetrar e, afinal, morrer, enriquecendo lentamente um material estéril com os restos de seus corpos e criando o solo. Pouco a pouco se tornou um processo cada vez mais rápido a invasão das terras por animais e plantas provenientes do mar. Se as áridas superfícies do planeta tivessem permanecido na condição de rochas sólidas, hoje haveria poucas formas de vida na face do globo e os seres vivos jamais poderiam ter-se desenvolvido com a riqueza que ora apresentam. O homem, portanto, não poderia existir. ●

**Na próxima edição:
Nascimento e Morte
das Montanhas**

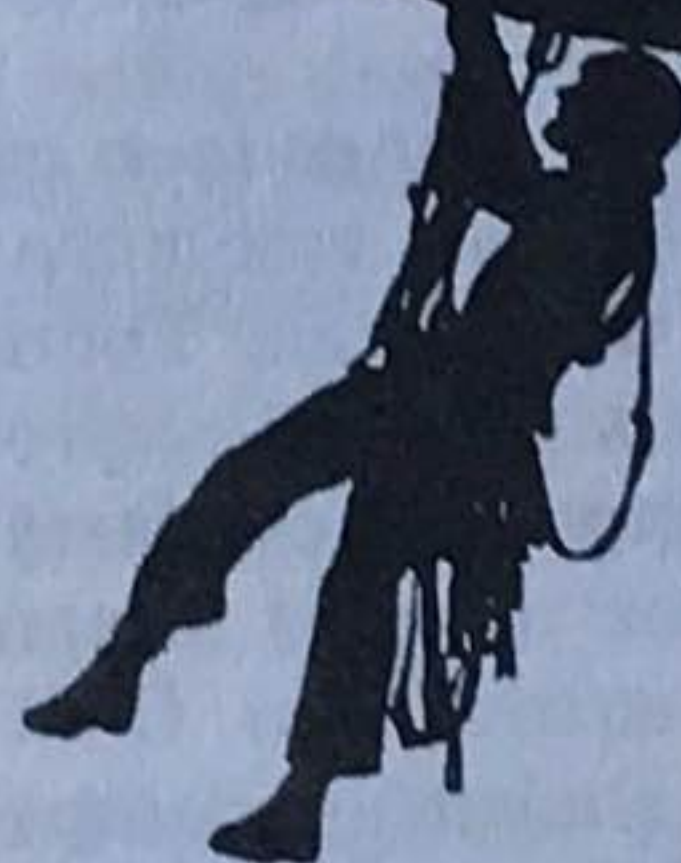
CARTA AOS FUTUROS GUIAS

Para ser um guia, não basta escalar bem. As dificuldades da nossa vida "moderna", quando precisamos trabalhar cada vez mais para ganhar cada vez menos, aliadas às atribulações cotidianas em casa, no trabalho e em outras tantas circunstâncias, mostram que um guia antes de tudo, deve ter força de vontade.

E ela não pode ser pouca. E, se esse é um requisito básico e primordial para ser um guia, outros são também indispensáveis: espírito de liderança, sem o qual nenhum guia consegue cooperação; responsabilidade, sem a qual nenhum guia merece confiança; espírito de sacrifício, sem o qual nenhum guia conquista

respeito; espírito de equipe, sem o qual nenhum grupo consegue atuar bem, muito menos num centro excursionista; respeito ao ser humano, necessário para que possamos ensinar o que sabemos e mais que isso, aprender com todos pois um bom guia antes de tudo tem humildade.

E chegamos a outro ponto principal na formação de um guia: o amor à natureza, o respeito à todas as formas de vida, um profundo sentimento ecológico, pelo qual o guia deve lutar sempre. Pois da consciência ecológica é que depende o nosso futuro.

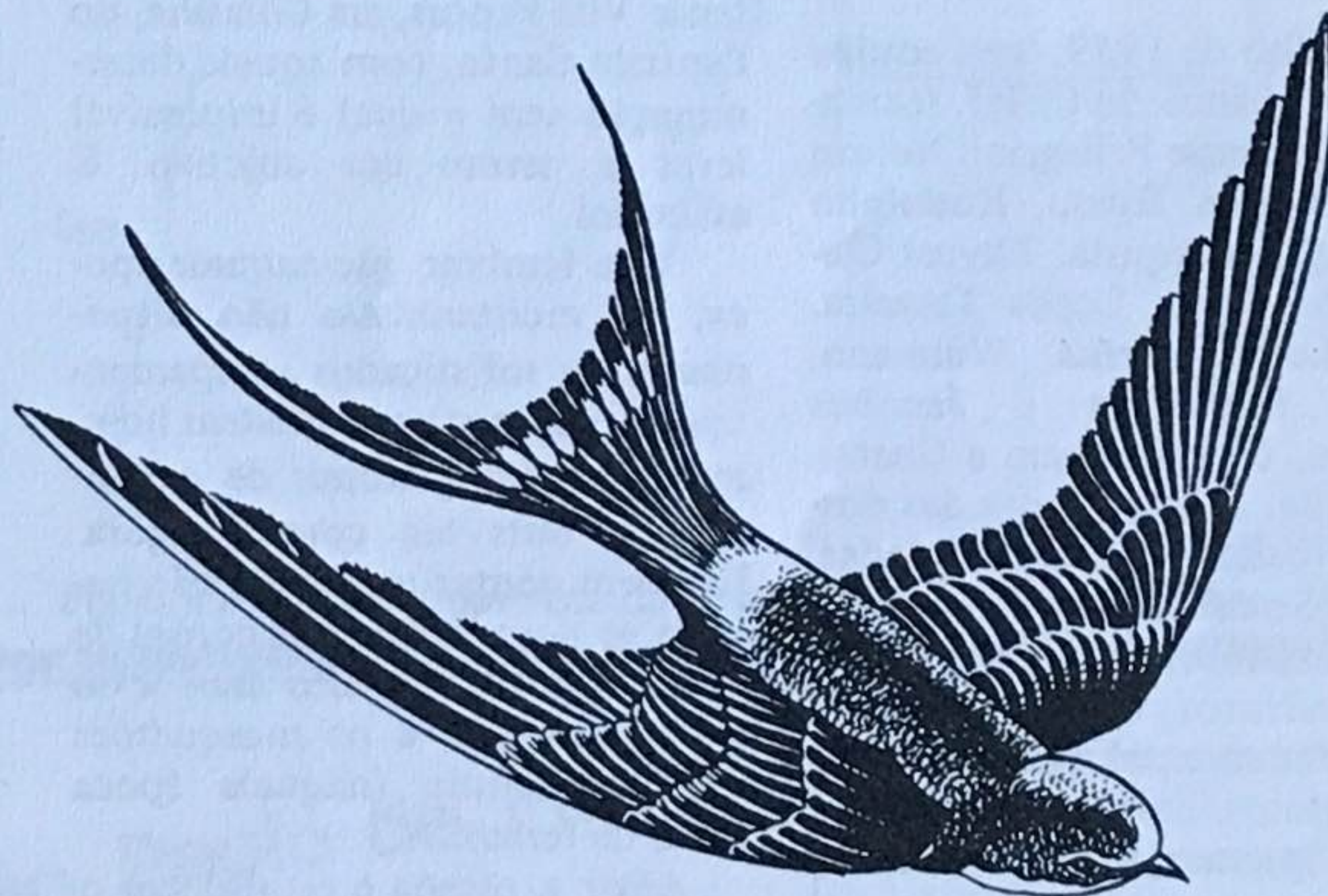


*Quiséramos escrever
Um canto de dor e perda
Quiséramos escrever
Um canto de lembrança e culpa
Mas, nos seis olhos de uma família
Só encontramos o canto da vida
Multiplicada em vida*

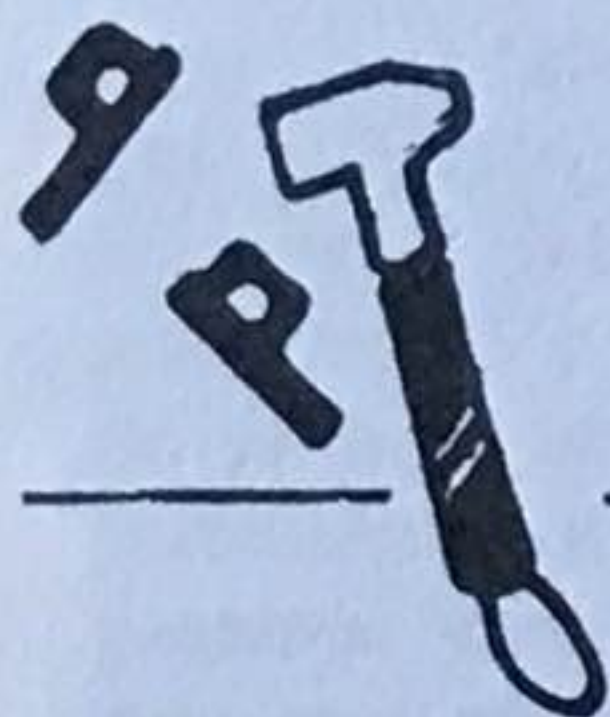
*Em vez de solidão e ausência
Sólida presença
Repartida em amor e união
E os que se preparavam
Para consolar são consolados*

*Nos seis olhos de uma família
Nos tornamos mais vivos
E mais próximos e mais fortes*

*E nosso triste canto de pesar
Transfigura-se
Em comovida voz de gratidão*



in memoriam de Emil Silveira Mesquita



Conquistas do CERJ

Chaminé Brasília

CHAMINÉ BRASÍLIA

Escalada de 6º Grau

Pico da Agulha

Vila Pancas, Colatina, ES

Extensão: 450m de escalada

Nº de grampos: 26

Conquistada em 4 investidas, sendo esta a única via de acesso ao cume.

Em julho de 1959, uma equipe de montanhistas do CERJ, formada por Giuseppe Pellegrini, Nelson Bravin, Carlos Russo, Rodolpho Kern, Emil Mesquita, Thyers Cleper Leite, Jorge Lopes Teixeira, Lucy Lupia, Erika Wolmann, Mildem Rodrigues e Jacobus Guerritse, conquistaram a Chaminé Brasília, até hoje uma das nossas mais belas e difíceis escaladas.

Lendo o relatório da conquista, ou conversando com os conquistadores, podemos constatar a importância fundamental que teve o planejamento e o entrosamento entre os participantes, desde a saída do Rio, passando pela chegada em Vila Pancas, a abertura da picada até a base da imponente "Agulha" que nunca havia sido escalada, até chegar a conquista em si, com todas as dificuldades que tiveram de ser vencidas, além da chegada ao cume, as comemorações e a volta para casa com mais uma montanha para o CERJ e para o montanhismo.

Os conquistadores deram ao acampamento base o nome de

Praça Velho, numa homenagem ao, já naquela época, muito querido Mário Franke. Para essa clareira, foram transportados 500 quilos de equipamento, barracas, suprimentos, e tudo que se pode imaginar imprescindível para um grupo de 11 montanhistas que ficaram mais de 10 dias nos arredores do Pico da Agulha.

Vocês podem ter certeza que esse grupo partiu daqui para a distante Vila Pancas, em Colatina, no Espírito Santo, com aquela determinação sem a qual é impossível levar a termo um objetivo. E assim foi.

Vale lembrar que naquela época, os montanhistas não dispunham dos sofisticados equipamentos de conquista que existem hoje, muito menos grampos de expansão ou nuts tão comuns agora. Isso sem contar que ainda não haviam se popularizado as cordas de fibras sintéticas (muito mais leves e manuseáveis) e os mosquetões de duralumínio (naquela época eram de ferro).

Abrir a picada e estabelecer o acampamento, enquanto se estudava a possível rota a seguir na escalada, consumiu alguns dias, e em seguida se iniciou a conquista da montanha propriamente dita.

Na primeira investida, foram conquistados 110 metros em agarras e chaminé estreita e colocados oito grampos por Emil, Rodolpho, Russo, Bravin, Jacobus e Pellegrini. Ao regressarem ao

acampamento foram recebidos com a primeira da série de terríveis e intermináveis sopas com que viriam a ser brindados no jantar de todos aqueles dias.

Na segunda investida, dia seguinte, foram conquistados mais 120 metros de chaminé e colocados 7 grampos. Os conquistadores resolveram então tirar um dia de descanso para que na terceira investida pudessem atingir o tão almejado cume.

Rapidamente galgaram, desta vez, os 230 metros que já haviam sido conquistados através de cordas lá deixadas para facilitar a ascensão. Após um dia de trabalhos incessantes, depois de terem vencido 100 metros de chaminés, na maioria muito estreitas, tiveram que superar um lance em chapéu. Achavam que após ele a escalada estaria na reta final. Superando-o verificaram que ela parecia se prolongar até o infinito. "Quanto mais subíamos, mais lances apareciam para serem vencidos", nas palavras do Pellegrini no relatório. Retornar e galgar tudo novamente até aquele ponto no dia seguinte? Resolveram pernoitar em precaríssimas condições numa fenda onde se acomodaram da melhor maneira. Aqueles que já foram obrigados a passar a noite, no meio de uma escalada, podem ter idéia do que é o desconforto, a falta de água e farnel, além do frio que são os únicos companheiros do pernoite. Frequentemente somos questionados nestas horas e cada um se pergunta: "O que é que eu estou fazendo aqui?", mas, o montanhista sempre volta a montanha, mesmo sabendo que ela exige muita entrega e espírito de sacrifício. E por que volta? A resposta daria para encher com letra miúda o catálogo telefônico de São Paulo, e mesmo assim, ainda sobriariam discussões.

E assim, foi iniciada a quarta investida depois do precário bivaque, e desta vez, o cume tinha que surgir. Mas não surgia. Somente

depois de 100 metros de fissuras, surgiu um paredão de gravatás que possibilitou uma progressão rápida, surgindo finalmente o cume, de verdade. Estava conquistado o Pico da Agulha.

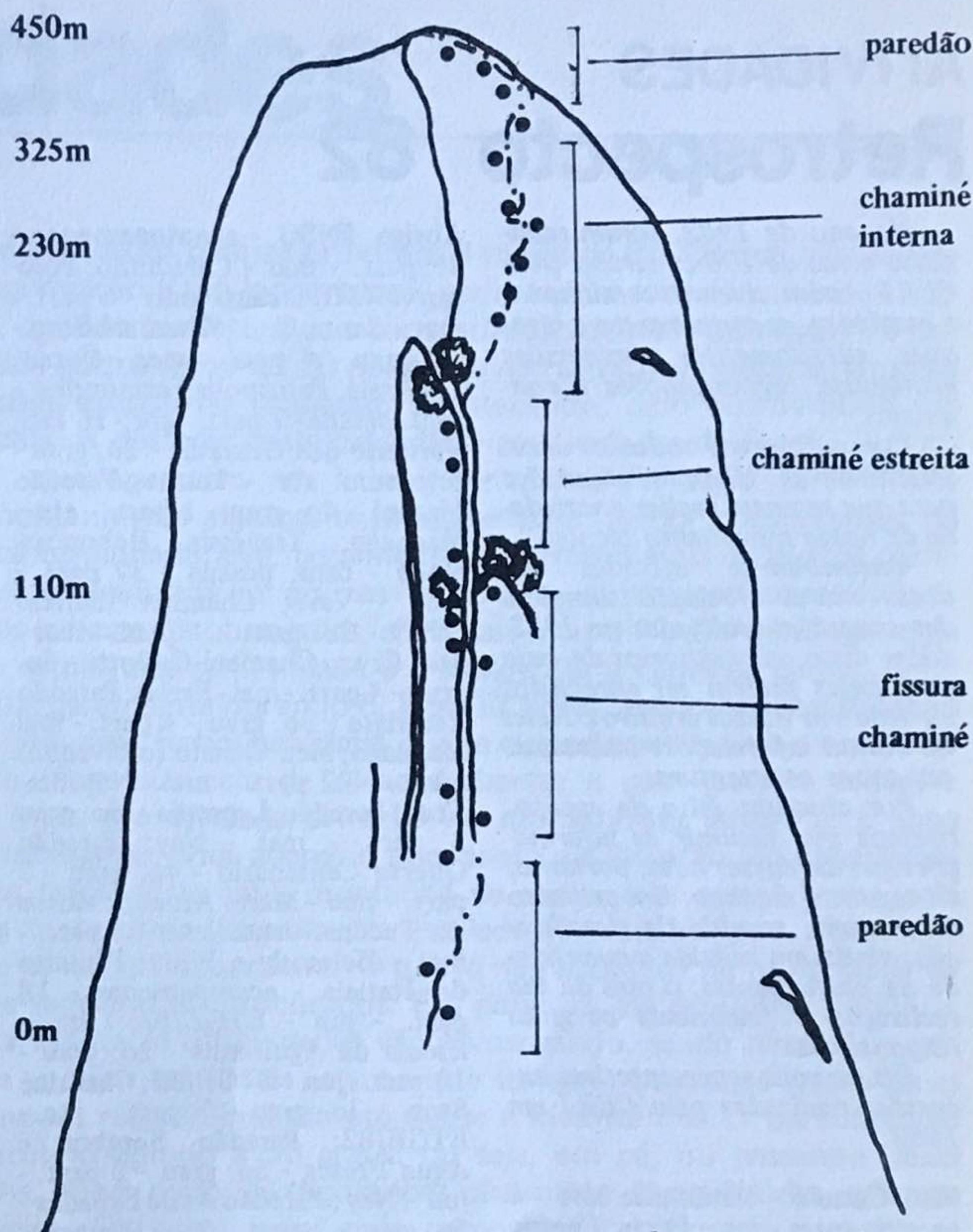
Podemos imaginar a alegria, o o brilho nos olhos, o compartilhar da chegada ao cume pelos conquistadores Emil, Bravin, Pellegrini, Rodolpho e Russo, bem como o alívio dos companheiros da base que já estavam começando a ficar preocupados.

Foi deixado no cume um cantil com as iniciais do CERJ e uma flâmula de lã bordada a feltro.

Ao chegarem à base, todos os participantes da conquista foram convidados pelo Tabelião de Vila Pancas para registrar oficialmente a conquista no livro de Atas do Cartório, mostrando a solidariedade e admiração do povo de Vila Pancas. Nos dias em que lá permaneceram os montanhistas foram visitados por mais de 300 pessoas que acompanharam toda a aventura.

Em conquistas como esta, podemos tirar muitos ensinamentos. Muitos anos se passaram, mas os mesmos ideais que levaram o CERJ a conquista da Chaminé Brasília continuam a permear toda a nossa vida de montanhismo e existem ainda muitas "agulhas" para serem conquistadas.

CHAMINÉ BRASÍLIA – Vila Pancas, Colatina, ES



Pedra da Agulha como vista da base

conforme croqui original de Jacobus Gerritse 20.8.59



Paredão Paulo de Faria

Após seis investidas, foi conquistado dia 5 de março de 83, o Paredão Paulo de Faria, uma escalada de 3º grau, IV, com lances naturais de agarra e aderência. Localizado em Grumari, Rio de Janeiro, a nova escalada é uma óti-

ma opção para aqueles que apreciam maç e montanha, pois tem seu início na estrada que liga prainha a Grumari. Possui uma vista muito bonita, desde a base até o cume, seguindo sempre a Face Leste da montanha que, pelo mapa faz parte do Morro Bela Vista. Participaram da conquista:

Ronaldo Paes, José Zaib, Santa Cruz, Lucia Helena, Luiz Lopes, Jorge Morais, Willy Chen, Marcelo Fernandes e Mario Arnaud. Foram afixados 28 grampos de 12 milímetros e 4 de 9 milímetros. A escalada deve ser feita pela manhã ou à tardinha, por causa do sol.

Extensão: 270 metros
Número de grampos: 32

ATIVIDADES

Retrospecto '82

No ano de 1982, foram realizadas cerca de 170 excursões pelo CERJ. Assim, tivemos caminhadas e escaladas, acampamentos e bivaques, adestramentos e excursões ecológicas, regrampeações e conquistas.

Como fazemos todos os anos, selecionamos algumas excursões para que se possa avaliar a variedade de nosso movimento técnico.

Encontram-se afixadas em nosso mural a relação completa das excursões realizadas em 1982. Além disso, os relatórios de cada uma delas podem ser apreciados na sede em nossos arquivos. Neles há muitas informações interessantes sobre as aventuras

Por absoluta falta de espaço, tivemos que resumir as informações que devem ser lidas, portanto, da seguinte maneira: Em primeiro a excursão, seguida da classificação, vindo em seguida a quantidade de participantes, o mês de sua realização e finalmente os guias responsáveis.

Eis as mais representativas excursões realizadas pelo CERJ em 1982:

Meu Castelo - caminhada leve - 4 participantes - jan - Lucia; Campo Escola da Pedra (p/crianças) - 3 part. - jan - Santa Cruz; Paredão Cepundo - 3o. grau - 2 part. - fev - Farias; Face Leste Dedo de Deus - 3o. grau - 3 part. - fev - Santa Cruz; Chaminé Pão de Açúcar - 2o. grau - 5 part. - fev - Laerte e Ney; Pico da Tijuca (p/crianças) - cam. leve - 16 part. - fev - Lucia; 12a: investida ao Diedro Salomyth 2 part. - fev - M. Arnaud e Sta. Cruz; Salinas (c/4 bivaques) - acampamento - 32 part. - fev - Santa Cruz; Capacete (via CEC) - 3o. grau - 2 part. - fev - Mario Arnaud; Pico Menor de Friburgo - cam. pesada - 8 part. - fev - Santa Cruz; Pico Maior de Friburgo - 6o. grau - 4 part. - fev - Arnaud e Mauricio; Capacete (via CERJ) - 5o. grau - 3 part. - fev - Reinaldo;

Abrigo PNSO - acantonamento - 39 part. - mar - Claudinho; Polegar (PNSO) - cam. semi - 6 part. - mar - Santa Cruz; Chaminé Stop - 3o. grau - 4 part. - mar - Farias; Travessia Petrópolis-Teresópolis - cam. pesada - 7 part. - abr - H. Paz; Variante dos Gravatás - 2o. grau - 3 part. - abr - Laerte; Paredão Marisel - 4o. grau - 8 part. - abr - Magnago; Travessia Rebouças-Mauá - cam. pesada - 37 part. - mai - Vavá; Chaminé Idalício (PNI) - 3o. grau - 4 part. - mai - Sta. Cruz; Chaminé Gallotti - 5o. grau - 4 part. - mai - Farias; Paredão Escarlata - 3o. grau - 4 part. - mai - Magnago; Meu Castelo (c/bivaque) adest. - 22 part. - mai - Ney/Sta. Cruz; Paredão Lagartão - 6o. grau - 3 part. - mai - Ney; Paredão Quarto Centenário - 4o. grau - 2 part. - mai - Mario Arnaud; Morro do Tucum - cam. leve - 8 part. - mai - Helmuth e Willy; Planalto do Itatiaia - acampamento - 18 part. - jun - ETGE/82; Campo Escola da Agulhinha - 2o. grau - 10 part. - jun - ETGE/82; Chaminé Stop - 3o. grau - 7 part. - jun - ETGE/82; Paredão Sombra e Água Fresca - 5o. grau - 2 part. - jun - Ney; Paredão As de Espadas - 5o. grau - 3 part. - jul - Magnago; Face Sudoeste do Alto Mourão - 5o. grau - 3 part. - jul - Magnago; Paredão Coringa - 2o. grau - 8 part. - jul - Magnago; 14a. investida ao Diedro Salomyth - 3 part. - jul - M. Arnaud e Sta. Cruz; Paredão Jorge de Castro (p/crianças) - 2o. grau - 6 part. - jul - Magnago; 15a. investida ao Diedro Salomyth 3 part. - jul - M. Arnaud e Sta. Cruz; Paredão K-2 - 4o. grau - 3 part. - ago - Magnago; Via dos Italianos - 5o. grau - 6 part. - ago - Magnago; Agulhas Negras c/bivaque - 1o. grau - 8 part. - ago - Sta. Cruz; Perdido do Andaraí - cam. leve - 16 part. - ago - Magnago; Agulha do Diabo - 3o. grau - 13 part. - ago - ETGE/82; Diedro Salomyth - regrampeação - 5o. grau - 2 part. - ago - M. Arnaud;

Garrafão e Papudo - cam. pesada c/3 bivaques - 9 part. - set - ETGE/82; Morro dos Cabritos - conquista - 2 part. - set - Mario Arnaud; Paredão Paulista - 3o. grau - 8 part. - set - ETGE/82; Trav. Agulhas Negras - cam. pesada/escaladas - 4 part. - set - ETGE/82; Pedra da Gávea - cam. semi - 4 part. - set - Ronaldo (1a. exc. guiando); Limpeza do Pão de Açúcar - ecológica - 4 part. - out - Hein; Paredão Roda Viva - 4o. grau - 2 part. out - Magnago e Celso; Salinas (Friburgo) - c/2 bivaques e acamp. - 27 part. - out - ETGE/82; Cham. Ricardo Cassin - 3o. grau - 3 part. - out - Santa Cruz; Paredão C.E.P.I. - Comem. 70 anos bondinho - 2 part. - out - Claudio; São João - cam. pesada - 3 part. - out - Sta. Cruz; Face Norte do Perdido - 3o. grau - 5 part. - out - Celso; Paredão Giabra - 4o. grau - 3 part. - out - Ney; Paredão Alfredo Maciel - 6o. grau - 2 part. out - Celso; Paredão Quarup - 3o. grau - 4 part. - out - Sta. Cruz; Paredão Mario Franke - 2o. grau - 27 part. - out - Ney e Sta. Cruz; Paredão Paulo de Faria - 1a. investida - 3 part. - out - Zaib e Sta. Cruz; Pico do Mendanha - cam. semi - 30 part. - out - Ervé; Escalavrado (PNSO) - 1o. grau - 4 part. - out - Ronaldo e Sta. Cruz; Papagaio (PNT) - cam. leve - 10 part. - nov - Lucia; Paredão Bolha d'Água - 2o. grau - 5 part. - nov - Amelio e Sta. Cruz; Paredão Coringa (com temporal) - 2o. grau - 7 part. - nov - Magnago; Dedo de Deus (via Teixeira) - 3o. grau - 8 part. - nov - Elton e Sta. Cruz; Campo Escola do Grajaú - Escola de Guias - 8 part. - nov - ETGE/82.

Em dezembro tivemos o início do Estágio Supervisionado da ETGE/82, que se estendeu pelos cinco meses seguintes. Muitas excursões foram então realizadas, vindo culminar com a diplomação dos guias em junho deste ano.

Esta foi uma mostra variada e geral das excursões realizadas em 1982. Procuramos atender a mais ampla solicitação dos montanhistas realizando caminhadas, acampamentos, e escaladas de primeiro à sexto grau.



Atividades

Eis aqui a nossa programação de atividades para os próximos 4 meses de 83. Os que não acreditavam na viabilidade de uma programação a tão longo prazo, pedimos dar uma olhada no relatório de atividades do ano passado, quando conseguimos a concretização de mais ou menos 70 por cento do calendário. Isso lembrando que os restantes 30 por cento não significam necessariamente espaço vazio pois outras excursões substitutas acabaram acontecendo, com outros guias, em outros horários, e em outros locais. A destacar neste calendário as atividades da Escola Técnica de Guias Excursionistas de 83, que aparecem em letra inclinada. O AP significa atividade prática. Para os iniciantes em montanhismo algumas explicações para melhor compreensão da programação: Cam. leve, significa caminhada leve, geralmente em terreno mais ou menos plano ou pouco inclinado, sem obstáculos e realizada em poucas horas. Cam. semi, significa caminhada semi-pesada, já esta em terreno com bastante obstáculos, em locais mais difíceis e geralmente de maior duração. Um exemplo de caminhada semi-pesada é a subida até a Pedra da Gávea. Cam. pesada significa caminhada pesada, geralmente durando 6, 8 ou 12 horas, tendo as vezes duração de dois ou três dias. É o caso da Travessia Rebouças-Mauá que se estende por mais ou menos 30 quilômetros, em terreno abruço, com ausência de picadas abertas e com grandes aclives e declives. Escalada de primeiro grau, é a escalada primeira do montanhista iniciante. É uma escalada em montanha de pouca inclinação, onde apenas o bom senso e a intuição são necessários para qualquer pessoa que nunca tenha visto uma montanha de perto, mas que já tenha pelo menos subido numa escada para trocar uma lâmpada. Na escalada de primeiro grau, a presença de pontos de apoio para os pés e as mãos é abundante. O que já não acontece numa escalada de segundo grau, onde esses pontos tem que ser procurados. Em paredão, ela geralmente adquire uma maior inclinação. Daí para diante as dificuldades vão aumentando, sendo necessário um conhecimento técnico, teórico e prático bem mais intenso que somente os clubes e seus guias podem fornecer. Os pontos de apoio vão diminuindo até quase a inexistência, os paredões vão ficando cada vez mais na vertical, chegando a 90 graus, ou seja, em pé, ou passando desse angulo, criando negativos e tetos. Além disso, as montanhas são muito diversificadas, criando portanto escaladas completamente diferentes, quer pela composição rochosa quer por sua constituição aparente. Vamos então a nossa programação:

DATA	EXCURSÃO	Classificação	GUIAS
JULHO			
02/Sab	Travessia dos Olhos do Imperador (Gávea) Pedra da Gávea	3º grau Cam. semi	Egeu Amélio
03/Dom	Paredão São Bento (Pão de Açúcar) Chaminé Stop (Pão de Açúcar) Pico da Pedra Branca	1º grau 3º, III sup. Cam. semi	José Luiz Antonio Paulo Ervé Muniz
09 e 10 Sab/Dom	<i>Travessia Longitudinal das Agulhas Negras (P. N. do Itatiaia) (3ª AP da ETGE/83)</i>	<i>Cam. pesada com bivaque</i>	<i>Santa Cruz</i>
09/Sab	Paredão Salomyth (Morro da Babilônia) Paredão Fon-Fon (Morro da Babilônia)	3º, III sup 3º grau, IV	Amélio Myriam e Garrido
10/Dom	Pedra do Conde (P.N. Tijuca)	Cam. leve	Salomyth

ATIVIDADES

DATA	EXCURSÃO	Classificação	GUIAS
16 e 17 Sab/Dom	Face Leste do Dedo de Deus (P.N.S.O.) (Com bivaque na Gruta Bendy)	3º grau	Ney e Jorjão
16/Sab	Paredão Quarup (Petrópolis)	3º grau	Amélio/Sta. Cruz
17/Dom	Face Norte do Perdido do Andaraí Paredão C.E.P.I. (Pão de Açúcar)	3º grau, IV Artificial	Myriam Emil
23 e 24 Sab/Dom	Paredão 15 de Novembro (Aguilhina) <i>Aguilha do Diabo (P.N.S.O.)</i> <i>(4ª Atividade Prática da ETGE/83)</i>	2º grau, III 3º grau <i>com bivaque</i>	Egeu <i>Jorjão e</i> <i>Egeu</i>
24/Dom	Pico da Tijuca (P.N. Tijuca)	Cam. leve	Salomyth
30 e 31 Sab/Dom	Travessia Petrópolis-Teresópolis (Parque Nacional da Serra dos Órgãos)	Cam. pesada com bivaque	Ronaldo e André Paz
30/Sab	Chaminé Stop (Pão de Açúcar)	3º grau, III sup	Egeu
31/Dom	Paredão Escarlata (Morro da Urca) Paredão 30 de Julho (Morro Dona Marta) Papagaio (Parque Nacional da Tijuca) Paredão São Bento (Pão de Açúcar)	3º grau 5º grau, VI Cam. leve 1º grau	Santa Cruz Antonio Paulo Cida José Luiz/Marcus
AGOSTO			
06 e 07 Sab/Dom	<i>Travessia da Neblina com Verruga do Frade</i> <i>(P.N.S.O.) (5ª AP da ETGE/83)</i>	3º grau <i>com bivaque</i>	<i>Magnago e</i> <i>Santa Cruz</i>
07/Dom	Torre do Mendanha	Cam. leve	Ervé Muniz
13/Sab	Escalavrado (P.N. da Serra dos Órgãos) Paredão Coringa (Pão de Açúcar) Paredão Santos Dumont (Pão de Açúcar)	1º grau 2º grau, III 2º grau	Ney e Myriam Jorjão José Luiz/Marcus
14/Dom	Chaminé Pão de Açúcar Paredão São Bento (Pão de Açúcar) Paredão Marisel (Irmão Menor do Leblon) Paredão Paulo de Faria (Grumari)	2º grau, III 1º grau 4º grau 3º grau, IV	Emil e Egeu Leblon/Alexandre Ronaldo/Myriam Santa Cruz
19/20/21	<i>Circuito da Gávea (6ª AP da ETGE/83)</i> <i>(Aguilhina, Pedra Bonita e Pedra da Gávea)</i>	3º grau <i>com bivaques</i>	<i>Dep. Técnico</i> <i>Myriam e Ney</i>
20/Sab	Paredão Unicec (Morro Dona Marta)	3º grau	Amaury
21/Dom	Castelos do Morro da Taquara (P.N. da Tijuca)	Cam. leve	Myriam e Amélio
27/Sab	Paredão Carlos Alexandre (Morro Cantagalo) Paredão Soleil (Morro da Babilônia)	3º grau 3º grau, III sup.	Saulo
28/Dom	Paredão Atlanta (Pão de Açúcar) Morro do Jacaré (Niterói)	2º grau, III sup. Cam. leve	Myriam e Jorjão Jair e Anselmo
SETEMBRO			
01/Qui	Festa dos Guias (Confraternização)		Dep. Social
03 e 04 Sab/Dom	<i>Exploração ao Pico do Itacolomy</i> <i>(7ª Atividade Prática da ETGE/83)</i>	<i>Exploração</i> <i>com bivaque</i>	<i>Amélio e</i> <i>Jorjão</i>
04/Dom	Morro da Taquara (P.N. Tijuca) Paredão Emilio Comici	Cam. leve 3º grau, IV	Jair Santa Cruz



DATA	EXCURSÃO	Classificação	GUIAS
07/Qua	<i>Chaminé Stop (8ª AP da ETGE/83)</i>	3ª grau, III sup.	Claudio/Emil
10/Sab	Paredão Cabrito (Morro da Babilônia)	2ª grau	Leblon/Marcus
	Paredão Cervino (Morro da Babilônia)	2ª grau	Alexandre/Marcelo
	Paredão Escarlata (Morro da Urca)	3ª grau	Santa Cruz
11/Dom	Face Sudoeste do Alto Mourão (Itaquatiara)	5ª grau	Ney
	Paredão Mario Franke (Muriqui)	2ª grau, III	Amélio/Ronaldo
17/Sab	Diedro Infernal (Morro da Babilônia)	3ª grau, IV	Saulo e A. Paulo
18/Dom	<i>Paredão K-2 (9ª AP da ETGE/83)</i>	4ª grau, IV sup.	Elton e Magnago
	Dedo de Nossa Senhora (P.N.S.O.)	Cam. pesada	Salomyth
	Paredão da Amizade (Petrópolis)	5ª grau	Garrido
24/Sab	Face Norte do Perdido do Andaraí	3ª grau, IV	Celso e Magnago
25/Dom	Perdido do Andaraí	Cam. leve	Ney e Willy
	Travessia dos Olhos do Imperador (Gávea)	3ª grau	Jorjão e Marcelo
	Pedra da Gávea	Cam. semi	José Luiz
	Paredão Cardeal (Sumaré)	3ª grau	Myriam/Sta. Cruz

OUTUBRO

01 e 02	Salinas	Acampamento	Jorjão e
Sab/Dom	(Três Picos de Friburgo)		Ney
01/Sab	Paredão Escarlata (Morro da Urca)	3ª grau	Egeu
	Paredão Arco-Íris (Morro da Urca)	2ª grau, III	Myriam
02/Dom	Morro do Cortiço	Cam. leve	Jair
02/Dom	Paredão Via Láctea (Morro do Cantagalo)	3ª grau, IV	Antonio Paulo
08/Sab	Paredão Preto (Morro da Urca)	2ª grau, III	Myriam
	Chaminé Stop (Pão de Açúcar)	3ª grau, III sup.	Sta. Cruz e Zaib
09/Dom	<i>Campo Escola Paineiras (10ª AP ETGE/83)</i>	Artificial	Elton
12/Qua	<i>Escalavrado (11ª AP da ETGE/83)</i>	1ª grau	Dep. Técnico
15 e 16	Planalto do Itatiaia	Acampamento	Lucia e
Sab/Dom	(Parque Nacional de Itatiaia)	com escaladas	Sta. Cruz
15/Sab	Paredão Lionel Terray (Pedra Bonita)	2ª grau, III sup.	Amélio e Marcelo
	Pedra Bonita	Cam. leve	Alexandre
16/Dom	Paredão Baden Powell (Irmão Maior Leblon)	4ª grau, IV sup.	Magnago
	Paredão Iemanjá (Pão de Açúcar)	4ª grau	Ney
20/Qui	Festa das Crianças Montanhistas	—	Dep. Social
22/Sab	<i>Campo Escola Grajaú (12ª AP da ETGE/83)</i>	Artificial	Claudio
23/Dom	Paredão Luiz Arnaud (Itaquatiara)	2ª grau, III	Emil
	Morro do Tucum (Itaquatiara)	Cam. leve	Sylvia
29/Sab	Paredão Ventania (Gávea)	2ª grau	Myriam
	Paredão 15 de Novembro (Aguilhina)	2ª grau, III	Marcus/Leblon
30/Dom	Via Teixeira do Dedo de Deus (P.N.S.O.)	3ª grau	Jorjão
	<i>Chaminé Gallotti (13ª AP da ETGE/83)</i>	5ª grau	Amélio



Paredão

*críticas, sugestões,
notas, informes, reclamações,
os leitores se manifestam*

Exposição das Capas dos Boletins

Nos últimos anos, as capas do Boletim do CERJ têm primado pela originalidade que o Sayão procurou dar, como por exemplo, na capa formada por um perfil de escalador prestes a costurar o mosquetão de segurança no pingo do jota da palavra CERJ escrita logo acima.

Desde essa época, quando fui Diretor de Divulgação do CERJ, Sayão vem fazendo instigantes capas que nos transportam em uma só olhada para a intrepidez da montanha, o bucolismo do acampamento ou a beleza das poesias transfiguradas em capa. As capas assinadas pelo Sayão poderão ser apreciadas na sede do CERJ em agosto quando estarão expostas em mural.

Zaib

CERJ recebendo presentes

A biblioteca recebeu o livro "Excursiones, andinismo e refúgios de montaña em Bariloche" trazido por nossos amigos Harald e Helena que estão residindo na Argentina. A Maria nossa secretária doou uma tesoura e o Vavá doou também a biblioteca várias revistas americanas "Summit" além de outros catálogos e revistas. Oliver Nunes doou vários números antigos da National Geographic. Thyers Cleper Leite, residindo em New York continua nos mandando vários catálogos e livros dos E.U.A.

Agradecemos a todos.

A Diretoria

Um mecânico para o CERJ, urgente!

Agora que estamos iniciando um novo curso de guias, esperamos que continue o entusiasmo que tivemos no ano passado. Mas, esperamos que desta vez não seja preciso empurrar tanto carro. Em quase todas as excursões fora do Rio os carros apresentaram defeito. E tome empurrar carro as 10 horas da noite, depois de se ter feito uma Agulha do Diabo, Agulhas Negras, Garrafão ou Dedo de Deus... Algumas vezes ladeira acima! (É... é preciso muita disposição para ser guia).

Jorjão



Joara e Paulo de Faria

"... Cairam as chuvas e vieram as enchentes. Sopraram os ventos e investiram contra aquela casa. E ela não caiu, pois estava edificada sobre a rocha."

Nosso amigo Paulo de Faria casou-se no dia 23 de abril na Igreja N. S. da Glória no Largo do Machado, com Joara. Presentes amigos montanhistas de toda parte. Esperamos que ele continue no clube, pois faz falta a sua presença alegre e cheia de energia. Além do mais, a nossa cinemateca não existe sem ele.

Santa Cruz

Grampos novinhos para as nossas conquistas

Queremos agradecer ao companheiro Francisco Orlando (Chico) que está residindo em São Paulo e que fez uma apreciável quantidade de grampos para nossas regrampeações e conquistas. Contamos com os seus grampos, Chico, pois deles depende a segurança de nossas escaladas. Faça uma força para aparecer por aqui.

Santa Cruz

Nascimento de Novos Sócios

Registramos os nascimentos de: Anamaria Ladeira Pereira, filha de Lucia Helena e Santa Cruz; Marina Cardoso Vieira, filha de Maria Lucia e Andre Paz; Vitor Barreto Santana, filha de Lica e Amado. Em breve na montanha.

Dep. Social

A ETGE/82 agradece

O Cerj agradece a participação de Renato Pappone, Myriam Jourdan Garrido, Cláudio Vieira de Castro, Jean Pierre, Pellegrini e Etzel que foram responsáveis por aulas teóricas durante o decorrer a Escola Técnica de Guias de 82. Obrigado e esperamos mais.

Depto. Técnico

Desafio

Com segurança de cima subo até em azulejo...

Ronaldo

A aventura gelada

A cantina do CERJ está agora funcionando com duas geladeiras de porte médio, podendo suprir a demanda tranquilamente, mesmo nos dias de muito movimento, pois Lucia e Santa Cruz doaram uma geladeira, que chegou no momento exato para incrementar as nossas reuniões.

Transportar a geladeira da Ilha do Governador para a sede do CERJ foi uma empreitada que tomou boa parte de um dos domingos de maio último. Santa Cruz só tinha conseguido mobilizar Edson Ribeiro e Andre Frias, além de mim.

Para agravar, eu estava muito resfriado, e nós não tínhamos a menor prática no transporte de geladeiras, ainda mais naquela geladeira tão pesada. Depois de muita improvisação, nós quatro desajeitados, conseguimos sair com o caminhão da Ilha por volta de meio dia.

Parecia até que estávamos indo para uma excursão. O dia estava muito bonito e daria realmente uma bela excursão.

Ao chegarmos no São Borja os porteiros do edifício inicialmente dificultaram ao máximo o desembarque da geladeira alegando mil motivos. Santa Cruz tentava pacientemente persuadir os porteiros, mas eu fui logo dizendo que estávamos vindo de Recife, além disso, outras atitudes mais pragmáticas, fizeram com que os porteiros do prédio passassem a nos ajudar.

Para dar um pouco de emoção, na viagem de volta, o óleo diesel do meu caminhão estava no final e talvez não desse para voltar, mas

foi a conta certa e chegamos na Ilha com as últimas gotas.

Difícilmente essa aventura da geladeira será esquecida por nós quatro que dela participamos, e quase entramos numa fria.

Willy



Festa dos Bolhas D'Água

As últimas confraternizações em nossa sede foram muito boas e reuniram um número apreciável de sócios e convidados, além de companheiros dos outros C.E.'s. A festa de Natal fechou a programação social de 1982 com muita alegria e descontração. Exatamente no dia 20.01.83, quando o CERJ completava 44 anos comemoramos o aniversário do CERJ festivamente com a presença de sócios veteranos e novos além da sócia fundadora D. Yacy Fairban que não deixou de comparecer, o que muito nos honrou.

No início de abril, tivemos a abertura da temporada de montanhismo de 1983 com a entrega do

paredão Paulo de Faria ao nosso companheiro Faria, que recebeu a conquista muito emocionado e feliz.

Agora, conseguimos terminar a ETGE/82. A entrega dos diplomas de guia foi feita dia 30 de junho des 1983 na festa dos Bolhas D'Água, uma nova iniciativa do Departamento Social do CERJ, uma homenagem aos Bolhas D'Águas de todas as gerações, pois "de bolha virás e a bolha volta-rás."

Lucia

Planeta dando uma força ao CERJ

Agradecemos a revista Planeta, editada em São Paulo, que publicou na íntegra a nossa carta convidando as entidades ecologistas a nos enviarem material sobre preservação e ambientalismo. Em resposta a sua divulgação, várias pessoas já tem nos procurado. Agradecemos e nos colocamos à disposição da Planeta.

Dep. Divulgação

Aos Sócios

A crescente dificuldade em editar um boletim informativo, causada pelos altos custos gráficos, fez com que a distribuição do nosso informativo, antes aberto e distribuído a todos os sócios indiscriminadamente, passe a ser feita, a partir desse número, de uma maneira mais seletiva: Os sócios proprietários, por direito adquirido continuarão recebendo o nosso boletim normalmente. No entanto, só poderemos enviar aos sócios contribuintes que estiverem com suas contribuições mensais em dia.



Paredão

*críticas, sugestões,
notas, informes, reclamações,
os leitores se manifestam*

Camping Clube prestigia o CERJ

Agradecemos a publicação, no jornal O Campista, publicação oficial do Camping Clube do Brasil, da nossa programação semestral encerrada em março último. Nos colocamos a disposição dos campistas para mais informações sobre o montanhismo sempre que o desejarem.

Claudio

Campanha do Abrigo de Montanha

Foi aprovada em assembléia geral extraordinária presidida pelo companheiro Nelson Bravin, a emissão de novos títulos de sócio proprietário que em breve estarão à disposição dos interessados. A campanha visa a concretização de nosso tão sonhado abrigo de montanha.

Elton

Mutirão para equipamento de conquistas

O CERJ precisa completar algumas conquistas que estão sendo realizadas. Para amenizar os gastos estamos fazendo um mutirão para compra de equipamento de conquistas, principalmente grampos e talhadeiras. Esse equipamento está sendo usado também na restauração de escaladas antigas que precisam ser regrampeadas. Qualquer contribuição, sejam talhadeiras, grampos, palhetas de alumínio, ou mesmo algum dinheiro, serão bem vindas. Procurem-me.

Ronaldo

Mudanças

Nossa diretoria, sofreu modificações na sua composição em vista da saída de alguns de seus diretores, que, impossibilitados de continuar com seu efetivo trabalho junto ao Cerj, por problemas pessoais e profissionais intranponíveis, tiveram que se afastar. Assim sendo, a nova composição, passa a ser a seguinte:

Presidente: Claudio Vieira de Castro (Claudio); Vice-Presidente: Elton Fernandes (Elton); Secretária: Maria Caño Mendoza (Maria); Primeiro Tesoureiro: Jorge Maurício Nazareth (Jorjão); Segundo Tesoureiro: Ronaldo Meira Paes (Ronaldo); Diretor Técnico: Osvaldo Pereira Filho (Santa Cruz); Diretor de Divulgação: Egeu Laus Simas (Egeu); Diretora Social: Lucia Helena Ladeira (Lucia).

A Diretoria

O Montanhismo Agradece

Cida, Rothier e Etsel Von Stockert, respectivamente, Secretária, Tesoureiro e Diretor Técnico, deixam a diretoria do Cerj para assumir compromissos pessoais inadiáveis. No entanto, não abandonam o Cerj onde continuam tendo amigos e onde sempre encontrarão respeito e gratidão pelo eficiente trabalho que realizaram.

Toda a família da montanha agradece.

Os novos diretores Ronaldo (tesoureiro), Maria (secretária) e Egeu (diretor de divulgação) darão continuidade ao trabalho.

A Diretoria

Regrampeação do Ventania e Escarlata

O departamento técnico informa que o Paredão Ventania localizado nos contrafortes da Pedra da Gávea encontra-se liberado, após trabalhos de regrampeação.

Estamos fazendo também regrampeação do Paredão Escarlata, na Urca. Em breve poderemos realizar essa bela escalada com toda a segurança.

Dep. Técnico

Fotografias para o CERJ

Continuem trazendo fotografias das excursões para os álbuns do CERJ. Elas cumprem um importante papel na divulgação de nossas atividades.

Willy

Bombeiros, Polícia e PM teriam grupos ecológicos

Se for aprovada a sugestão feita no Conselho Estadual de Cultura do Rio pelo conselheiro Marcelo Ipanema, a Polícia Civil, os Bombeiros e a PM passarão a ter grupos especializados na defesa do meio ambiente. Em sessão presidida pelo Prof. Roberto Acioli, foi referido também que o vice-governador Darci Ribeiro está interessado na campanha que visa a impedir a continuação do desmatamento irracional no Estado do Rio de Janeiro, transformando-o — como ele mesmo disse — em unidade "careca".

Emil

Um canyon chamado Itaimbezinho

Ir até o Itaimbezinho é uma aventura que poucos realizaram.

Em nossas recentes férias, nós a realizamos. Rumamos para lá em dezembro de 82 junto com Hélio e Helena.

Para quem não sabe, o Itaimbezinho é uma estranha abertura na terra com 600 metros de profundidade em média. Localizado ao norte do Rio Grande do Sul, na divisa com Santa Catarina, esta imensa fenda começa no município de Cambará do Sul (RS) e termina em Torres, no litoral gaúcho, numa extensão de aproximadamente 30 km. Nas suas profundezas serpenteia um riacho pedregoso, ladeado de matas, dando uma impressão apocalíptica.

O acesso a esta maravilha pouco conhecida, se faz através de uma estrada precária que cruza as ondulantes coxilhas dos "Aparados da Serra". Muita poeira e lama, dependendo do sol ou da chuva, além das curvas, tobogãs e pontes estreitas, recomendam muita cautela ao motorista.

Saindo de São Francisco de Paula (RS), percorremos 70 km nestas condições. Cerca de 2 horas depois de muito sofrimento chegávamos ao Parque Nacional dos "Aparados da Serra". Até então parecia mau negócio enfrentar aquela estrada só para ver um buraco na terra. Mas, ao avistarmos aquele exótico monumento da natureza que jamais poderá ser descrito com palavras, sentimos nossos esforços plenamente recompensados.

Era de tardinha. A chuva tinha dado lugar ao sol que reaparecia no horizonte. O tempo se firmou. Excursionamos pelas redondezas, descobrindo novos ângulos que iam revelando novas maravilhas. Entre uma fotografia e outra, chegamos rente ao desfiladeiro onde desce a cachoeira com grande ruído, formando o arco-íris.

O dia estava terminando. Decidimos cuidar do acampamento. Apesar de não haver local especial para "camping", ou talvez por causa disso mesmo, conseguimos um lugar excelente para armar nossas barracas. Duas outras também marcavam sua presença lá.

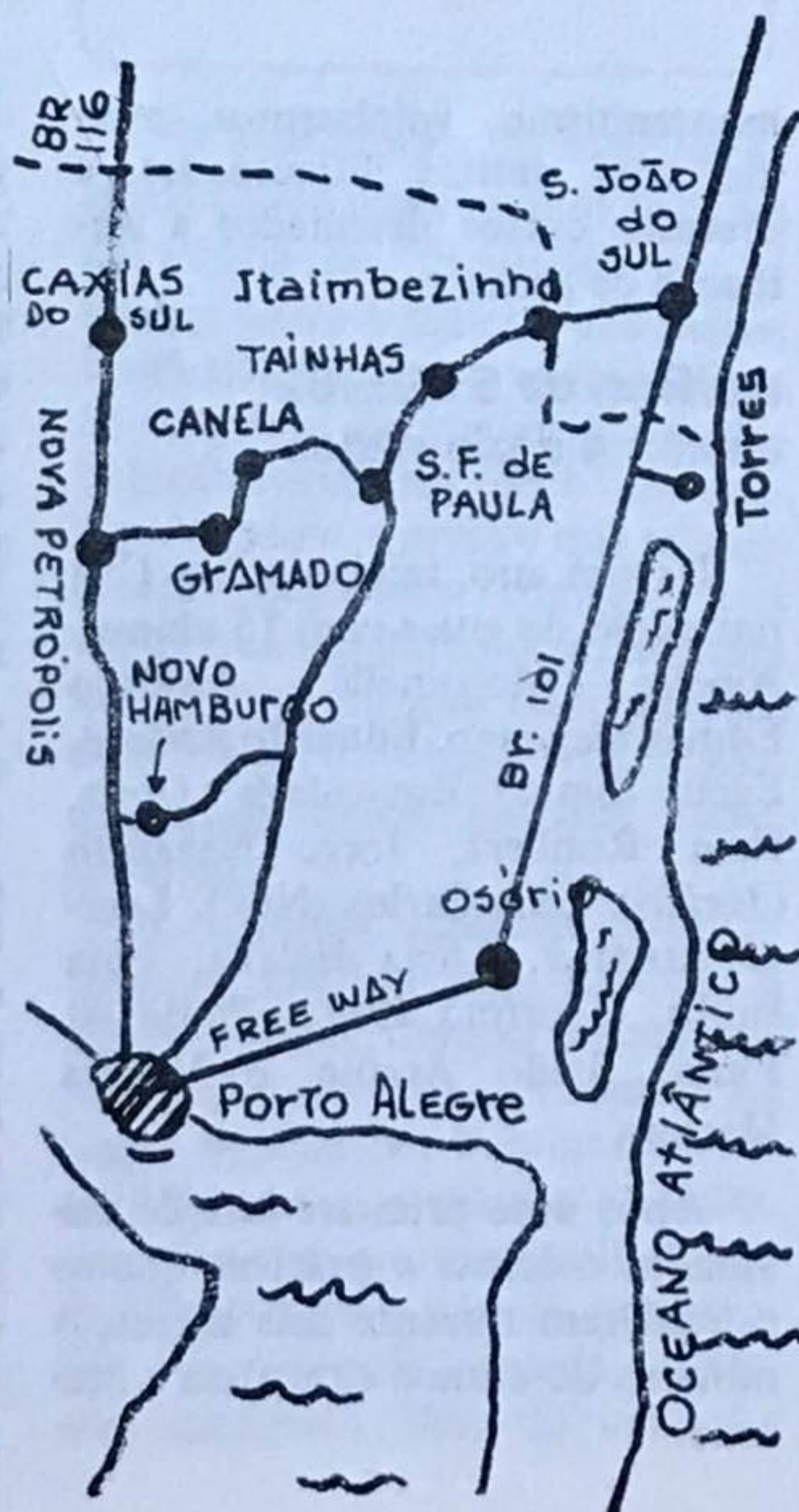
Para os que exigem mais conforto, existe um modesto hotel-restaurante na cabeceira do "Canion". Funciona em quase total ociosidade, devido aos poucos turistas que lá chegam.

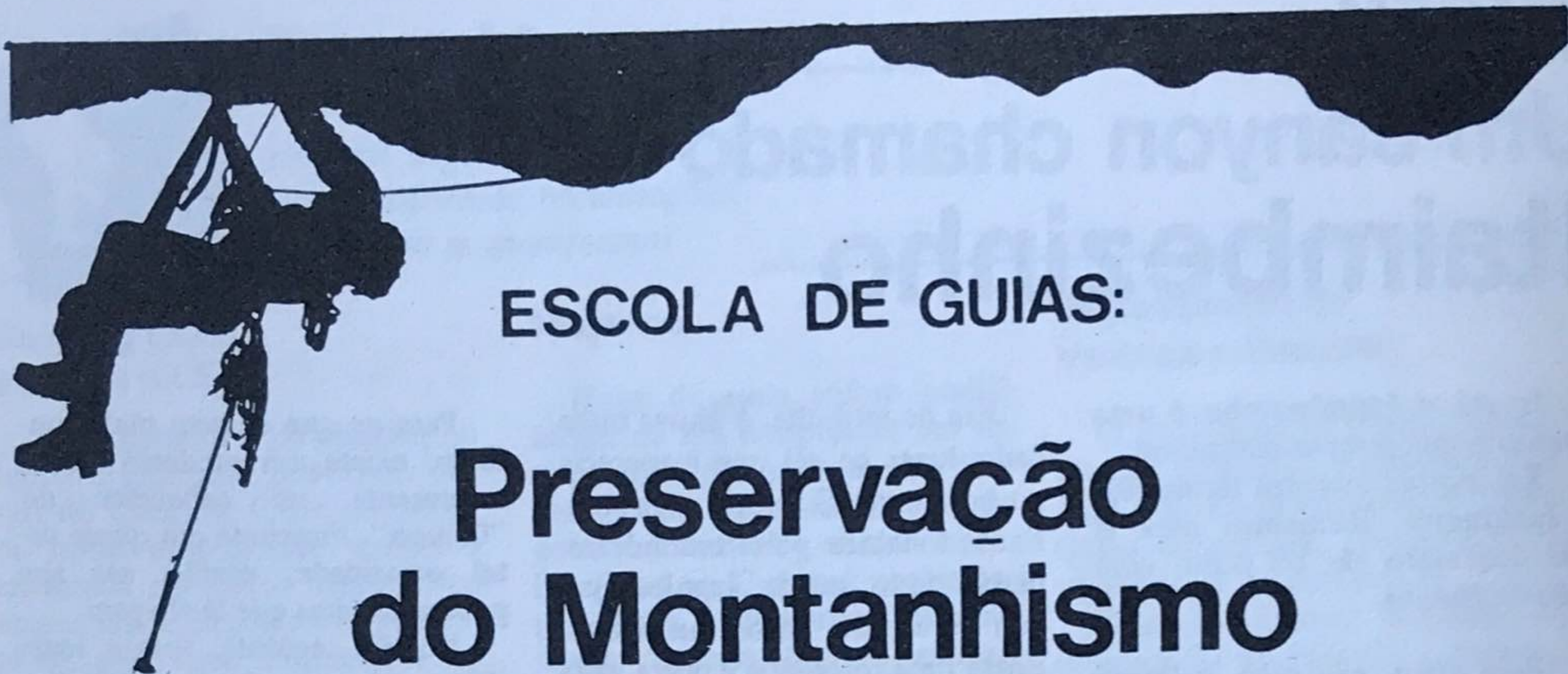
No dia seguinte, fomos mais além, contornando o penhasco. A cada passo, novos paredões se desvendavam aos nossos olhos. Lá embaixo, pequeninos, alguns excursionistas caminhavam sobre as pedras do rio. Provavelmente estariam fazendo a travessia pelo interior do "canion" até Torres, cujo percurso de 30 km leva 3 dias de caminhada.

Com pena de não podermos ficar por mais tempo, pois nossas férias estavam se esgotando, levantamos acampamento e prosseguimos por uma estrada recentemente aberta. Foram 80 km de pedreira e buracos até alcançarmos a BR-101 já em Santa Catarina. Uma viagem suada que deixa qualquer carro em frangalhos se não se tiver muita paciência. Para se ter uma idéia, a maior parte da estrada foi percorrida a 30km/hora. Porém, o que nos consola é que dessa forma o Itaimbezinho não vai acabar sendo desfigurado pelo turismo predatório. Pois, as belezas naturais, intocadas, estão justamente nos lugares de difícil acesso.

O CERJ até que poderia pensar em organizar uma excursão a Itaimbezinho. Se isto não for possível, ao menos quem for ao Sul não deve deixar de dar uma conferida, incluindo-o em seu roteiro de viagem.

Ninguém vai se arrepender. ●





ESCOLA DE GUIAS:

Preservação do Montanhismo

Com este artigo, nosso Diretor Técnico, Santa Cruz, conclui sua extensa e profunda análise sobre a importância da Escola Técnica de Guias Excursionistas para a preservação do montanhismo e de sua filosofia, que deve ser cada vez mais, conduzido ao encontro dos princípios de solidariedade, seriedade com alegria e uma firme batalha pela preservação ambiental em união com todo o movimento ecologista que se afirma cada vez mais no Brasil

Sem guias não há excursões, e precisamos encarar a formação dos guias com muita seriedade para que possamos preservar a prática do montanhismo solidário e não competitivo, em excursões realizadas com segurança e eficiência.

A formação de guias montanhistas e escaladores é um dos objetivos de todos os centros excursionistas (CE's) e o Cerj juntamente com outros CE's do Rio, tem procurado oferecer Escolas de Guia aos sócios interessados que tenham as mínimas condições de experiência como montanhistas.

Contudo, nos últimos dez anos, nem sempre foi assim, e a formação periódica de guias sofreu uma perda de continuidade, não só no Cerj como também nos CE's irmãos. Mas, agora, o bom senso e a necessidade premente de guias fez com que todos nós, do Cerj e de outros CE's, apaixonados pelo

montanhismo, voltássemos, mesmo com muitas dificuldades, a oferecer cursos destinados a formação de guias.

Ao final da ETGE/82 apenas 4 diplomados

Há um ano, iniciamos no Cerj um curso de guias com 15 alunos: Amélio Montinelli, Antônio Edmar Magnago, Eduardo Andare, Egeu Simas, Emaculada Diniz, Hein Robbert, Jorge Nazareth (Jorjão), Luiz Carlos (Ney), Laerte Santana, Lucia Helena, Luiz Paulo, Maurício Abdu, Paulo de Faria, Saulo Araújo e Valéria Martins.

Após uma primeira fase de atividades teóricas e práticas que se estenderam durante seis meses, o número de alunos caiu para a metade.

Assim, apenas Amélio, Magnago, Egeu, Jorjão, Ney, Laerte e Abdu, iniciaram o *Estágio Prático Supervisionado*, segunda etapa da ETGE/82, que começou em dezembro de 82 e deveria terminar ao final do mês de março, coincidindo a diplomação dos novos guias com a *festa de Abertura da Temporada de Montanhismo* de 1983, dia 7 de abril de 1983.

Lutamos, mas não conseguimos cumprir os prazos e a diplomação dos novos guias acabou sendo adiada sucessivamente até o dia 30 de junho, pois as dificuldades inerentes a presença de um supervisor em cada excursão do estágio causaram muitos problemas aos estagiários. Assim sendo, dos sete que iniciaram o estágio, apenas quatro conseguiram chegar ao final, cumprindo as exigências teóricas e práticas para formar um guia: Amélio, Magnago, Egeu e Jorjão.

Retrospecto das atividades práticas da ETGE/82

A ETGE teve início em maio de 1982 e a primeira atividade da parte prática estava programada para os dias 4, 5 e 6 de junho, em Itatiaia. Os guias responsáveis foram Etzel e eu, contando com a participação de 18 pessoas. Desses, 12 eram alunos da ETGE. Saímos do Cerj na sexta feira à noite, e chegamos ao Parque Nacional do Itatiaia já bem tarde. Até que armássemos as barracas, próximas ao Abrigo Rebouças, perdemos algumas horas de sono importantes.

Na manhã seguinte, Etzel seguiu com os alunos candidatos a guias escaladores em direção a Travessia Longitudinal das Agulhas Negras, e eu saí com os inscritos a guias montanhistas para fazermos A Via Normal das Agulhas Negras. O tempo fechou durante toda a escalada, com chuva miúda, e desabou um temporal quando já estávamos bem próximos ao cume. Deu para sentir que a maioria do grupo estava despreparada psicologicamente para enfrentar um temporal nas Agulhas Negras. Alguns inclusive, mais tarde, confessaram que ficaram completamente bloqueados pelo frio. Outros descobriram que uma coisa é uma montanha em condições ideais de tempo, outra muito diferente é a mesma montanha em condições adversas. Um guia não pode ser guia apenas com tempo bom. Pois pode acontecer um acidente e, precisamos estar preparados para socorrer nossos companheiros em quaisquer condições e a qualquer hora. Essa primeira atividade foi um marco importante, talvez um pouco forte demais em se tratando da primeira excursão, mas que sem dúvida, mostrou-se de grande valia ao longo das outras atividades. Ao chegarmos próximos ao acampamento, já retornando sem termos atingido o cume, encontramos nossos amigos, do grupo de

escaladores liderados pelo Etzel que vinham a nossa procura. Depois de terem voltado da Travessia que mal puderam iniciar, no meio do temporal vinham ao nosso encontro para saber se precisávamos de ajuda. Já estava escurecendo e eles, como nós estavam muito cansados, famintos e ensopados. O encontro dos dois grupos foi muito bonito. Na montanha como na vida, a solidariedade é fundamental. Aos novos alunos da ETGE/82, logo na primeira excursão isso ficou claramente demonstrado.



Na aula teorica do meio da semana foram discutidos os porques da atitude de "bloqueio" que se abateu sobre a maioria dos alunos candidatos a guias montanhistas na excursão de Itatiaia. Esses debates funcionaram como uma análise de grupo e muitos que não estavam preparados começaram a sentir que um curso de guias exige muito mais do que pode parecer ao se ler os relatórios das excursões confortavelmente sentado numa poltrona.

A segunda atividade prática, também sob liderança de Etzel e minha, foi o Campo Escola da Agulhinha da Gávea. Ficamos 12 horas seguidas na montanha e foram treinadas escaladas variadas, descidas com e sem aparelhos, utilização de nuts e friends, grampeação e descida pela escalada à noite, sem lanternas. Durante uma das

descidas um dos alunos, deslocou pedras que teriam causado acidente grave não fossem os capacetes utilizados pelos que estavam logo abaixo. No final, a rota da caminhada teve que ser encontrada na base do tato (apalpando o chão) pois não se enxergava mais um palmo além do nariz, no meio da floresta. Terminou tudo bem e o rendimento foi bom. Nessa excursão além dos guias, todos os participantes eram alunos da ETGE e é evidente, foi esse o motivo de sua elevada eficiência.

A terceira atividade prática, no dia 19 de junho, foi a Chaminé Stop, no Pão de Açúcar, supervisionada pelo Claudinho, também desta vez somente com os alunos da escola de guias. A descida foi feita pelo Costão e foi exigido dos participantes, na Stop, a utilização adequada das técnicas em chaminés.

A partir desta data, o curso, que estava indo muito bem, dentro do que poderíamos esperar, sofreu uma série de golpes difíceis de suportar. Em primeiro lugar os guias antigos não puderam comparecer para nos ajudar, como esperávamos; em segundo lugar, o Diretor Técnico do Cerj, na época, o Etzel, em função de problemas particulares aliados ao nascimento de seu filho, não pode mais se dedicar ao curso como vinha fazendo. Contudo, o golpe mais duro, foi o grave acidente de motocicleta sofrido pelo Faria, um de nossos alunos, que se destacava a cada excursão e que estava muito ligado a nós. Esses três acontecimentos quase levaram por terra a nossa Escola Técnica de Guias Excursionistas de 1982.

Procurei de todas as maneiras sensibilizar o Claudinho e demais companheiros da Diretoria do Cerj da importância fundamental que tinha esse curso para a normalização da vida do Cerj. Mesmo com todas as dificuldades prosseguimos. →

Nos dias 21 e 22 de agosto, ou seja, mais de dois meses após a Chaminé Stop, tivemos continuidade em nosso Curso de Guias, com a quarta atividade prática, a Agulha do Diabo com bivaque no Rio Paquequer. Participaram 13 pessoas, com 10 delas escalando a Agulha incluindo 4 que eram sócios novos do Cerj. Eu fui o guia da excursão e tive que me desdobrar para que a excursão pudesse ser útil tanto para a ETGE como para a programação normal do Cerj, já que, frequentemente, as dificuldades ocasionadas pela falta

de guias obrigavam que as excursões da Escola de Guias incluísse também participantes inscritos na programação normal de atividades do Cerj. Se por um lado isso dificultou um pouco o curso, por outro lado, foi mostrando aos novos guias a nossa realidade e a necessidade da formação de guias para atender pessoas interessadas em praticar o montanhismo.

Nos dias 5, 6, 7 e 8 de setembro de 82, realizamos a quinta atividade prática, uma excursão ao Garrafão e Papudo com 8

pessoas, sendo que apenas 4 eram alunos. Novamente fui o guia e novamente tivemos que enfrentar temporal para cumprir nossos objetivos. Por essa época já notava-se algumas desistências no grupo. Alguns por estarem desmotivados, outros por não estarem ainda no momento ideal de cursar uma escola de guias, outros por absoluta falta de tempo, tomado por compromissos pessoais e profissionais, embora estivessem com toda a motivação – exemplo de Hein – ou o caso de Lucia Helena, que ficou impossibilitada de prosseguir porque ficou grávida.

O importante é que mesmo não concluindo o curso muitos desses companheiros terão muito mais facilidade se quiserem recommear nas próximas ETGE que forem oferecidas.

No dia 18 de setembro, tivemos a sexta atividade prática, o Paredão Paulista guiado por Claudinho, com a presença de oito participantes sendo 4 do curso.

Nos dias 24, 25 e 26 de setembro tivemos a Travessia Longitudinal das Agulhas Negras, a sétima atividade, que deveria, como vimos, ter sido a primeira para os inscritos a guias escaladores. Etzel e eu fomos os guias. A excursão contou com apenas 4 participantes. Um dos bivaques se realizou no cume das Agulhas Negras com muito frio e céu estrelado. Completamos inclusive a travessia até a Asa de Hermes e Pedra do Altar.

Nos dias 9, 10 e 11 de outubro tivemos nossa oitava atividade prática: Salinas. Uma excursão contando com 24 participantes. Fui o guia e a excursão teve seus objetivos de treinamento de grampeação plenamente alcançados.

Finalmente, concluíamos a primeira fase da Escola de Guias com sua atividade de número nove, o Campo Escola do Grajaú, no dia 27 de novembro, com a presença de 5 alunos, além dos guias, eu e Claudinho.



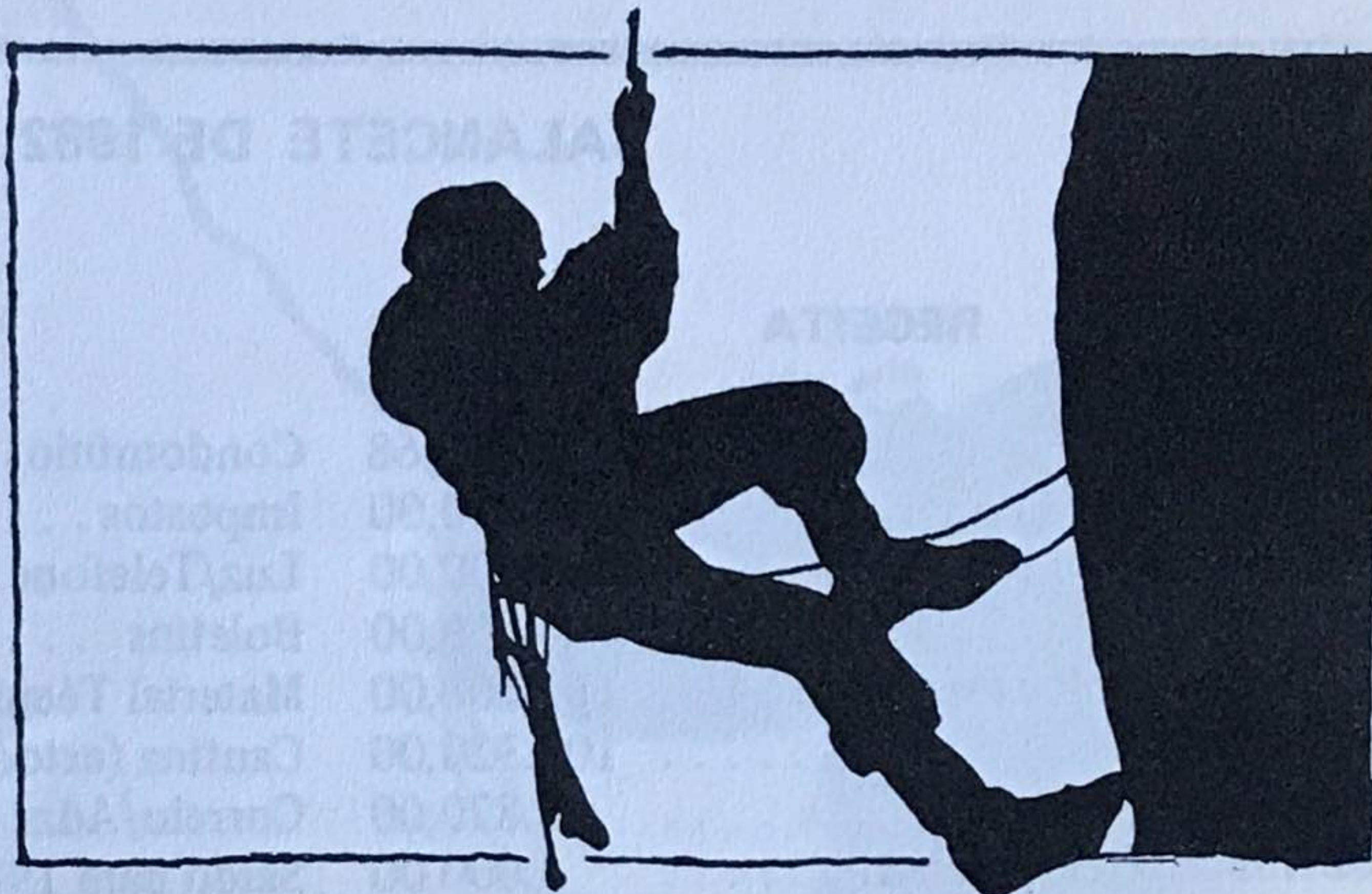
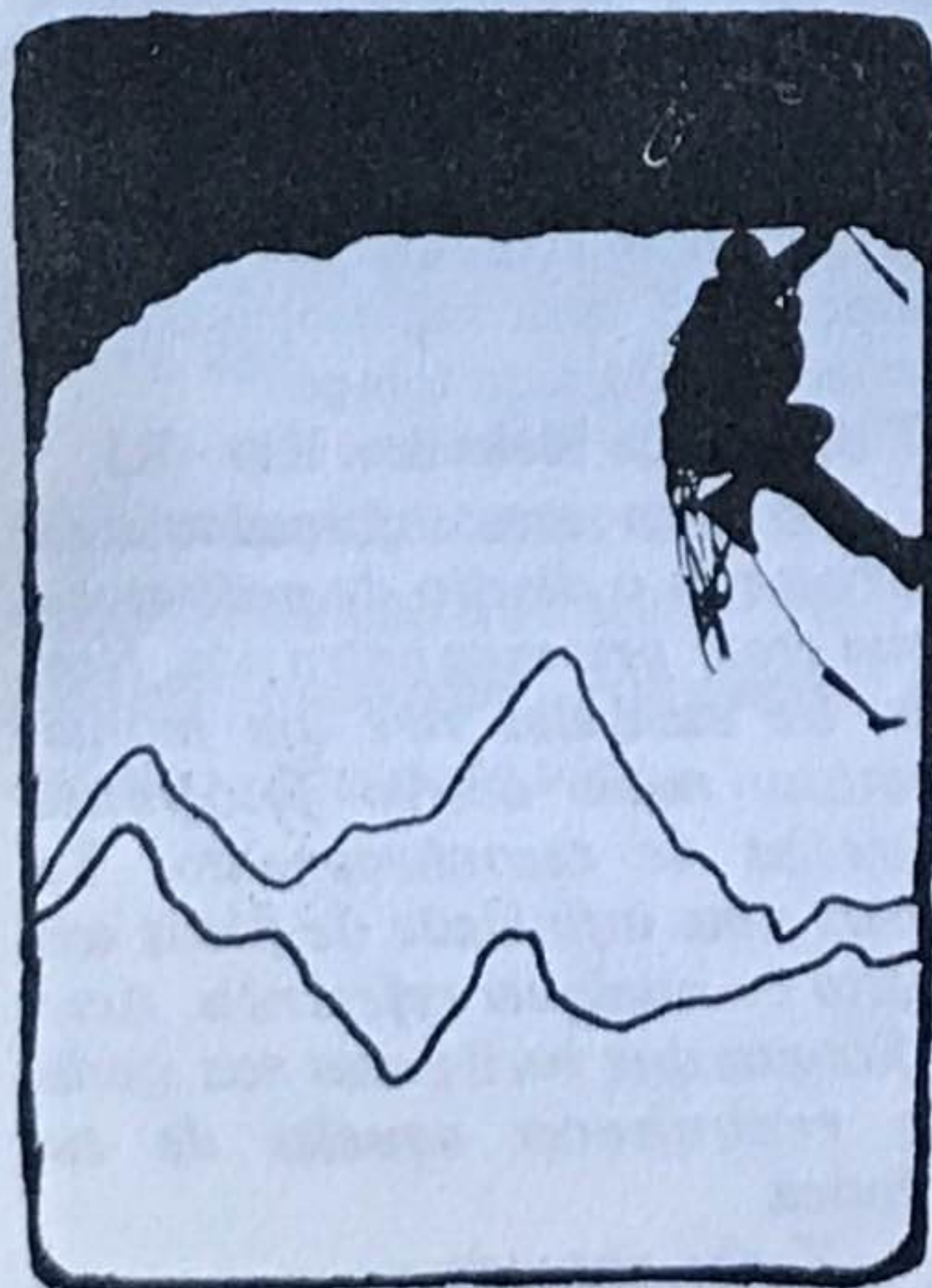
A reta final: Estágio Prático Supervisionado

Finalmente chegávamos ao estágio prático. De cara, algumas dificuldades. Verão chegando, muito sol e muita chuva. Mas, para quem já tinha enfrentado tantas dificuldades, mais essas, deveriam soar como motivação extra, pois o desafio continuava.

Como foi publicado no boletim de dezembro de 82, toda a programação foi feita para os que iniciavam o estágio prático. Isso significava que na programação de 4 meses todas as excursões seriam guiadas pelos "guias estagiários".

Foram realizadas mais de 40 excursões, todas guiadas pelos estagiários e cada uma delas contando com a presença de pelo menos um supervisor: 4 escaladas de primeiro grau, 8 de segundo grau, 14 de terceiro, 4 de quarto e 2 de quinto grau, além de uma caminhada leve com adestramento, outras duas caminhadas, uma pesada e outra semipesada, além de 3 escaladas artificiais e 3 acampamentos.

Os supervisores que atuaram foram Claudinho, Emil, Mario Arnaud, Tetinho, Vavá, Celso, Félix, Myriam, Garrido, Elton, Santa Cruz e Salomyth.



O importante é que voltamos a caminhar com nossas próprias pernas

Como dissemos, dos 15 alunos inicialmente inscritos na ETGE de 82, 11 não conseguiram terminar o curso. Vários foram os motivos pelos quais mais de 2/3 dos inscritos ficassem pelo caminho. O primeiro deles está relacionado com a forma como alguns alunos encararam o curso, pois muitos imaginaram que este seria formado por aulas teóricas e práticas e uma sucessão de excursões, em nível crescente de dificuldade, mas em condições ideais de escalada, caminhada e acampamento. Contudo, como vimos, várias excursões foram realizadas em condições críticas o que exigiu muito, tanto dos alunos quanto dos instrutores.

Outro motivo foi a dificuldade de manter uma seqüência de aulas teóricas e práticas com a continuidade desejada. A bem da verdade, o curso esteve mais de uma vez ameaçado de não chegar ao final, mas, nós, em nenhum momento, deixamos de acreditar que mesmo que fosse para formar um só guia, valeria a pena enfrentar todas as dificuldades.

Por isso, temos muitos moti-

vos para estarmos felizes, pois quatro heróis conseguiram terminar o curso e esses quatro companheiros nos ajudarão a formar mais quatro ou até quem sabe mais seis na ETGE/83. O importante é que voltamos a formar os nossos guias.

O importante é que voltamos ao nosso verdadeiro caminho do qual estivemos equivocadamente afastados nos últimos 10 ou 12 anos, desde os tempos do Pellegrini, quando a formação de guias e as próprias escolas de guias, eram acontecimentos normais na vida do Cerj, com muitos montanhistas vindo de longe para fazer a Escola Técnica de Guias Excursionistas do Cerj.

Já teve início a ETGE/83

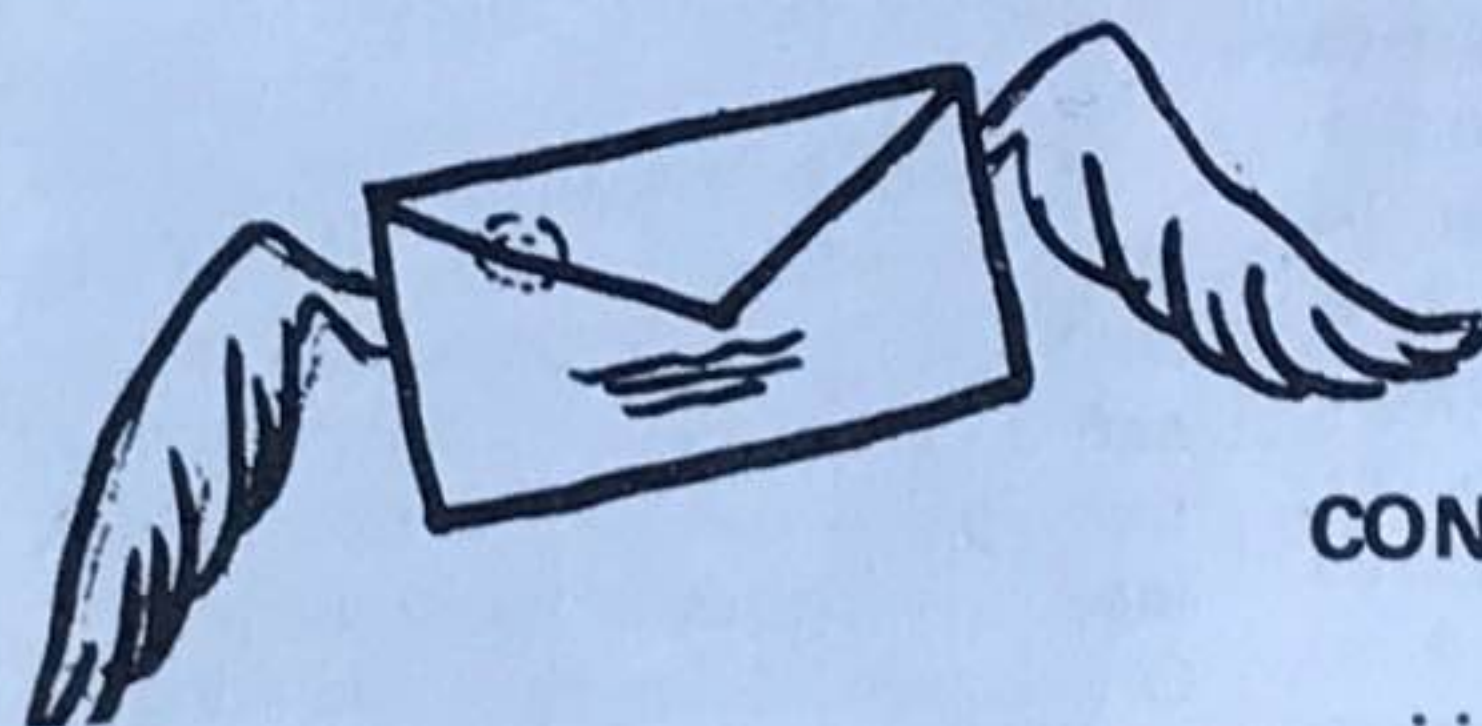
Assim sendo, depois de um longo jejum, estamos voltando a normalidade. E nada como terminar uma escola de guias e iniciar outra. Alunos é que não faltam, e felizmente os antigos guias estão retornando, respondendo aos nossos apelos no sentido de que voltem a casa que é deles e junto com os novos guias, cheios de idealismo e vibração, participem da construção do montanhismo do presente e da preservação do montanhismo do futuro. ●

BALANCETE DE 1982

RECEITA		DESPESA	
Saldo de 1981	6.442,68	Condomínio	165.240,00
Mensalidades	149.000,00	Impostos	41.413,00
Doações	66.600,00	Luz/Telefone	40.202,30
Excursões	74.068,00	Boletins	82.760,00
Material Técnico (venda)	160.100,00	Material Técnico (compra)	111.219,00
Cantina	108.320,00	Cantina (estoque)	97.110,58
Rifas	36.870,00	Correio/Adm./Manut.	66.891,00
Reembolso telefonemas	5.000,00	Saldo para 1983	1.564,80
TOTAL	606.400,68	TOTAL	606.400,68

Cartas

Agradecemos as várias publicações que estamos recebendo em resposta a nossa carta circular enviada a 40 entidades preservacionistas de todo o Brasil. Essas publicações estão à disposição em nossa biblioteca para consulta e reprodução. Recebemos: *INFORMES VIDA* (números 1 e 2), folheto (está afixado em nosso mural) sobre preservação do meio ambiente e notícias diversas do movimento ecologista; *TRANSE*, (vários números) revista com importantes artigos sobre vida natural; *PENSAMENTO ECOLÓGICO* (números 16 e 17) revista do movimento ecologista de São Paulo, além de extenso material sobre a *UNIÃO EM DEFESA DAS BALEIAS*. Além disso, recebemos correspondência do Centro Ecumênico de Documentação e Informação - CEDI; da Seiva da Ecologia, núcleo ecologista ao qual pertence Cacilda Lanuzza, em São Paulo;



CONVITE I

Meus agradecimentos pelo boletim com a programação do Cerj, que vocês me mandaram. Isto alegrou mais o natal para mim. Pois eu sou para vocês um velho, mas ainda estou em forma, naturalmente não igual a vocês, mas eu acredito ainda poder fazer as Agulhas Negras. A primeira vez que eu estive em Itatiaia, foi junto com o Cerj numa semana santa em 1946. Horst Kuester - Taubaté - SP

Ficamos muito comovidos com sua carta, e esperamos que você venha nos visitar, pois sabemos que tem muitas histórias e muito ainda a realizar junto conosco. Que tal uma excursão as Agulhas Negras? O segredo de uma boa velhice é uma boa juventude. Mas o segredo de uma boa juventude é o amparo da experiência.

CONVITE II

... Assim é que, aos 72 anos de idade, a pedra ainda me acena de longe, mas já não desperta aquele *élan* necessário para vencer as dificuldades próprias que ela oferece.

Fico, pois, muito grato por saber que ainda sou lembrado, mas sou forçado a reservar-me apenas para aplaudir os feitos dos montanhistas novos, cuja técnica, por certo, como acontece em todos os esportes, é bem superior à dos escaladores do meu tempo.

Thiers A. de Meirelles. Rio - RJ

Também somos forçados a reservar-nos o direito de pedirmos a sua grata presença entre nós. Nem só de escaladas vive um montanhista: nosso acervo fotográfico precisa de reconhecimento. Temos uma infinidade de fotos sem data ou qualquer referência. Acreditamos que você possa nos ajudar a reconhecer aquelas de sua época.

Venha nos visitar.

Um montanhista enfrenta as dificuldades da vida aprendendo em cada lance na rocha, que tudo depende de nossa própria confiança, esforço, coragem (e de um amigo dando segurança).

Quando a gente está cansado basta descansar dois minutos e depois prosseguir, mas se a gente sentir medo, só podemos continuar depois de dominá-lo.

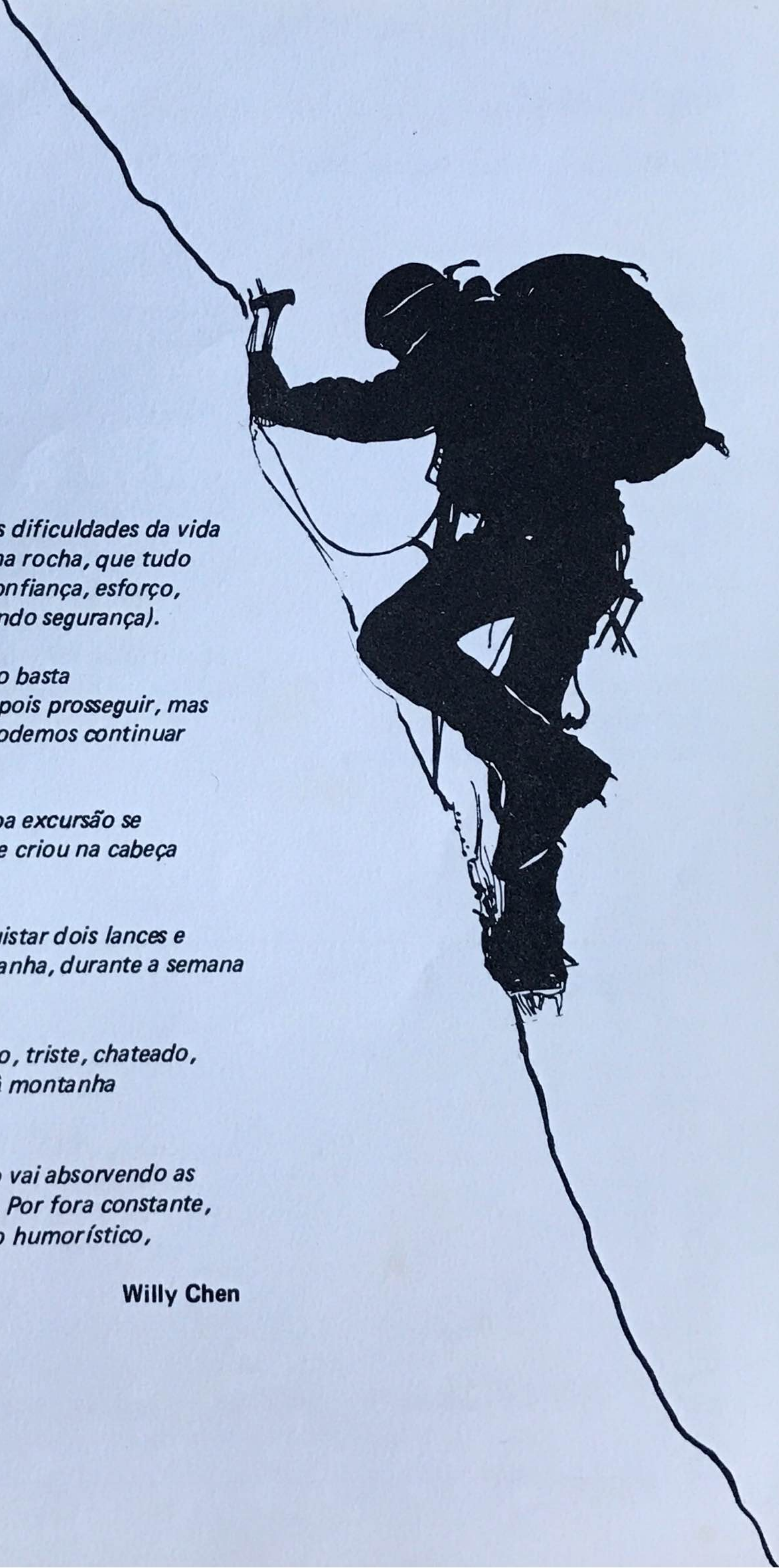
Só podemos realizar uma boa excursão se ultrapassarmos um nó que se criou na cabeça da gente.

Se domingo podemos conquistar dois lances e bater dois grampos na montanha, durante a semana não brigamos com ninguém.

Quando a gente anda nervoso, triste, chateado, já sabe que tá na hora de ir à montanha outra vez.

O montanhista com o tempo vai absorvendo as características da montanha. Por fora constante, gigante, generoso. Por dentro humorístico, mágico, cheio de vida. . .

Willy Chen



TEIA DE RENDA

Túlio Mourão e Milton Nascimento

*De meu canteiro de ilusões
Brotam desejos que já vivi
Já conversados, já tão sentidos
Campos de força há tempos atrás*

*De meu destino, o que restou
Marca profunda de muito amor
Tão procurada, iluminada
Essa loucura que me abraçou*

*O que se deu, que se trocou
Quanta verdade a se entrelaçar
Que se sofreu, o que se andou
Quase ninguém nos acompanhou*

*O que me cerca, onde hoje estou
Numa saudade sem tempo e fim
Acomodada, gente parada
Teia de Renda que me cercou*

*Eu não aceito o que se faz
Negar a luz, fingindo que é paz
A vida é hoje, o sol é sempre
Se já conheço eu quero é mais*

*O que se andar o que crescer
Se já conheço eu quero é mais*

DESTINATÁRIO:

CENTRO EXCURSIONISTA RIO DE JANEIRO
Av. Rio Branco, 277 / 805 – Edifício São Borja
Tel. 220.3548 – Reuniões às Quintas Feiras às 19 horas
CEP 20047 – Rio de Janeiro – RJ

impresso